

Danielton Campos Melonio
Nertan Dias Silva Maia
organizadores

CADERNO DE RESUMOS

I SIMPÓSIO DE
ESTÉTICA E
FILOSOFIA
DA ARTE

SEFILOARTE

Diálogos entre beleza

gosto

arte e

educação

14 A 16 DE MAIO DE 2025
UFMA-SÃO LUÍS



EDUFMA



CADERNO DE RESUMOS

**I SIMPÓSIO DE
ESTÉTICA E
FILOSOFIA
DA ARTE**



Universidade Federal do Maranhão

Reitor Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva

Vice Reitor Prof. Dr. Leonardo Silva Soares



SIBi
SISTEMA INTEGRADO
DE BIBLIOTECAS

Sistema Integrado de Bibliotecas

Diretor Prof. Dr. César Augusto Castro



EDUFMA

Editora da UFMA

Coordenadora Irenilma Cadête Lima

Conselho Editorial

Profa. Dra. Andréa Katiane Ferreira Costa

Profa. Dra. Débora Batista Pinheiro Sousa

Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa

Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva

Profa. Dra. Jussara Danielle Martins Aires

Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa

Prof. Dr. Luís Henrique Serra

Prof. Dr. Luiz Eduardo Neves dos Santos

Profa. Dra. Luma Castro de Souza

Prof. Dr. Márcio José Celeri

Profa. Dra. Maria Áurea Lira Feitosa

Profa. Dra. Raimunda Ramos Marinho

Profa. Dra. Rosângela Fernandes Lucena Batista

Bibliotecária Iole Costa Pinheiro



**Associação Brasileira
das Editoras Universitárias**

Associação Brasileira das Editoras Universitárias



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International license.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento 4.0.

Danielton Campos Melonio
Nertan Dias Silva Maia
organizadores

CADERNO DE RESUMOS

I SIMPÓSIO DE ESTÉTICA E FILOSOFIA DA ARTE

SEFILOARTE

Diálogos entre beleza
gosto
arte e
educação

São Luís



EDUFMA

2025

© 2025 EDUFMA - Todos os direitos reservados

Projeto gráfico e capa:	<i>Nertan Dias Silva Maia</i>
Diagramação:	<i>Francisco Batista Freire Filho</i>
Revisão:	<i>Danielton Campos Melônio/ Nertan Dias Silva Maia</i>
Imagem da capa	<i>A educação estética do homem. Desenho a nanquim e aquarela s/ papel canson, 21cm x 29,7cm, 2025. Nertan Dias Silva Maia (@nertansilvamaia). Acervo pessoal do artista gentilmente cedido.</i>
Ilustração	<i>Nertan Dias Silva Maia</i>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Simpósio de Estética e Filosofia da Arte (1.: 2025: São Luís, MA).

Caderno de resumos do I Simpósio de Estética e Filosofia da Arte – SEFILOARTE: diálogos entre beleza, gosto, arte e educação / Danielton Campos Melônio, Nertan Dias Silva Maia, organizadores. — São Luís: EDUFMA, 2025.

137 p.: il.

ISBN 978-65-5363-517-3

I. Estética – Encontro científico - UFMA. 2. Filosofia da arte – Encontro científico – UFMA. 3. Beleza. 4. Gosto. 5. Educação estética. I. Melônio, Danielton Campos. II. Maia, Nertan Dias Silva. III. Título.

CDD 701.178 121

CDU 7.01:001.32(812.1)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Marcia Cristina da Cruz Pereira
CRB 13 / 418

Editado no Brasil [2025]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microfilmagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

| EDUFMA | Editora da Universidade Federal do Maranhão

Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga

CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil

Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

REITOR

Fernando Carvalho Silva

VICE-REITOR

Leonardo Silva Soares

**AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO,
PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO**

Profa. Dra. Flávia Raquel Fernandes do Nascimento

DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha

COORDENADOR DO GEP-ESTÉTICA

Prof. Dr. Danielton Campos Melonio

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof. Dr. Alexandre Baptista Jordão (UFMA)

Prof. Dr. Almir Ferreira da Silva Junior (UFMA)

Prof. Dr. Danielton Campos Melonio (UFMA) - Presidente

Prof. Dr. Hamilton Dutra Duarte (UFMA)

Prof. Dr. Luís Hernán Uribe Miranda (UFMA)

Prof. Dr. Nertan Dias Silva Maia (UFMA)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. Almir Ferreira da Silva Junior (UFMA)

Prof. Dr. Danielton Campos Melonio (UFMA)

Prof. Dr. Fabiano de Lemos Britto (UERJ)

Profa. Dra. Íris Fátima da Silva Uribe

Prof. Dr. José Deribaldo Gomes dos Santos (UECE)

Prof. Dr. Luís Hernán Uribe Miranda (UFMA)

Prof. Dr. Luís Inácio Oliveira Costa (UFMA)

Prof. Dr. Pedro Augusto da Costa Franceschini (UFBA)

Prof. Dr. Plínio Santos Fontenelle (UFMA)

Profa. Dra. Rita de Cássia Oliveira (UFMA)

Profa. Dra. Stela Maris da Silva (Unespar)

Prof. Dr. Ubiratane de Moraes Rodrigues (UFMA)

Prof. Dr. Wandelson Silva de Miranda (UFMA)

MONITORES

Alexandre de Sá Ramos (UFMA/GEP-ESTÉTICA)

Alinne Cardoso Cruz (UFMA/GEP-ESTÉTICA)

Antônio Carlos Rodrigues (UFPB/GEP-ESTÉTICA)

Ariana Romão dos Reis (UFMA/GEP-ESTÉTICA)

Danilo Rodrigues Pimenta (UFS/GEP-ESTÉTICA)

Danúbia Aires Frasão Lobo (UFMA/GEP-ESTÉTICA)

Franckland Braga Reis (UFMA/GEP-ESTÉTICA)

Jefferson Andrei Ferreira Lemes (IFSC/GEP-ESTÉTICA)

Vanessa Cristina da Costa Botelho (UFMA/GEP-ESTÉTICA)

Victória Serra Pereira (UFMA/GEP-ESTÉTICA)

Yasmim Costa Cabral (UFMA/GEP-ESTÉTICA)

FICHA TÉCNICA

ARTE DA CAPA

Nertan Dias Silva Maia

PREPARAÇÃO DOS ORIGINAIS

Danielton Campos Melonio

Nertan Dias Silva Maia

DIAGRAMAÇÃO

Nertan Dias Silva Maia

CATALOGAÇÃO DE DADOS E INSCRIÇÕES

Danielton Campos Melonio

REVISÃO

Danielton Campos Melonio

Nertan Dias Silva Maia

HOMEPAGE

<https://www.even3.com.br/i-simposio-de-estetica-e-filosofia-da-arte-sefiloarte-528141/>

WEB DESIGNER

Danielton Campos Melonio

PROJETO GRÁFICO E ARTÍSTICO

Nertan Dias Silva Maia

REALIZAÇÃO

Grupo de Estudos e Pesquisa em Estética Alemã - GEP-ESTÉTICA/UFMA

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

APOIO

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Centro de Ciências Humanas – CCH

Departamento de Filosofia – DEFIL – UFMA

Coordenação do Curso de Filosofia – COFIL

Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO

Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPGFIL/UFMA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO17

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL.....21

ÁREA TEMÁTICA:

ARTE, EMANCIPAÇÃO E ESCLARECIMENTO

ENTRE MARX E ORWELL: A IDEOLOGIA
COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO..... 30

Amanda Pinheiro Moreira

Danielton Campos Melonio

ARTE COMO ESCLARECIMENTO ESTÉTICO
EM IMMANUEL KANT VERSUS A INDÚSTRIA
CULTURAL EM THEODOR ADORNO 32

Erisvanda Campos da Costa

PARTICULARIDADE COMO CATEGORIA
DA ESTÉTICA: CONTRIBUIÇÕES DE
GOETHE E DE LUKÁCS 33

Jackeline Noberto Diniz

Lucas André Teixeira

RESSIGNIFICANDO O MÉTODO SOCRÁTICO: RELATO DE
EXPERIÊNCIA A PARTIR DE UMA PRÁTICA EXITOSA COM A TURMA
DO 1º ANO DE DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS DO INSTITUTO
FEDERAL DO MARANHÃO – CAMPUS VIANA 35

Leonardo Silva Sousa

ARTE E EMANCIPAÇÃO EM ADORNO..... 37

Luan Fernando Rosas Santos

Ivana Libertadoira Borges Carneiro

Julice Oliveira Dias dos Santos

A DIMENSÃO ESTÉTICA DA ESCOLA DE
FRANKFURT NA PERSPECTIVA DE ADORNO..... 39

Rodrigo Iturra Wolff

**ÁREA TEMÁTICA:
ARTE, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO ESTÉTICA**

“DE OUTROS ESPAÇOS”, O ESPAÇO URBANO EM *BEBEL QUE A CIDADE COMEU*, DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO..... 42

Adriano Carvalho Viana

Walnice Mato Vilalva (Orientadora)

Rita de Cássia Oliveira

**O IMAGINÁRIO COMO VIA DE ACESSO AO PENSAMENTO
FILOSÓFICO: MEDIAÇÃO SIMBÓLICA ENTRE EXPERIÊNCIA E
REFLEXÃO NO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA..... 44**

Alexandre Jordão Baptista

***A EDUCAÇÃO ESTÉTICA DO HOMEM: UM ENSAIO
ESTÉTICO OU UM MANIFESTO POLÍTICO?* 45**

Bartolomeu dos Santos Costa

João Caetano Linhares

**ANÁLISE DO ROMANCE *ESTIVE LÁ FORA*, DE RONALDO
CORREIA DE BRITO, A PARTIR RELAÇÃO ENTRE AS NOÇÕES
DE MEMÓRIA E IDENTIDADE EM PAUL RICOEUR E
PARRESÍA EM MICHAEL FOUCAULT 46**

Daniela Sousa da Rocha

***A MIMÉTICA EM FÍLON DE ALEXANDRIA* 48**

Danilo Pereira Farias

Francisco Veriano Gomes de Oliveira

Deysielle Costa das Chagas

***MÍMESISE A NECESSIDADE DE COMPREENSÃO DO CONCEITO
PELO TEATRO NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE GREGA*..... 49**

Diêgo José da Silva

Luís Inácio Oliveira Costa

***A ARQUITETURA DA IMAGEM: ARCHÉ E ARTE
PRECÁRIA EM JEAN-MARIE SCHAEFFER*..... 51**

Ed Monteiro da Silva Neto

Flávio Luiz de Castro Freitas

Yasmim Fernanda Silva Lobato

Lucas Costa da Silva

MORTE E ALTERIDADE NA OBRA <i>HUIS CLOS</i>: O EXISTENCIALISMO NO TEATRO FILOSÓFICO SARTRIANO	53
Ednan Galvão Santos	
O CONCEITO DE <i>MÍMESES</i> EM PLATÃO E ARISTÓTELES	55
Ellen Karine Melo Rocha	
Yasmim Costa Cabral	
Danielton Campos Melonio	
CONCEPÇÕES E METODOLOGIAS DE ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NOS SÉCULOS XX E XXI	57
Ester Oliveira de Queiroz	
Nertan Dias Silva Maia	
A POSSIBILIDADE DE UMA RETÓRICA FILOSÓFICA COMO <i>TÉCHNE</i> EM PLATÃO	59
Felipe Gustavo dos Santos Cabral	
Alexandre Jordão Baptista	
ARTE E MODERNIDADE: O DEBATE DE HABERMAS COM ADORNO.....	60
Jefferson Nascimento Muniz	
Stela Maris da Silva	
ANÁLISE CRÍTICA DA ARTE-EDUCAÇÃO A PARTIR DA OBRA <i>ESTÉTICA</i> DE GEORG LUKÁCS.....	62
Jefferson Nogueira Lopes	
Lúcia Helena de Brito	
O SURREALISMO COMO INOPEROSIDADE NA ESTÉTICA DE AGAMBEN	64
João Emanuel Alves Marques	
Luís Hernán Uribe Miranda	
ESTÉTICA PÓS-MODERNA E POSSIBILIDADES EDUCATIVAS: REFLEXÕES A PARTIR DO PENSAMENTO ESTÉTICO DE GIANNI VATTIMO.....	66
Jocilene Mary Furtado Lima da Silva	
Luis Hernan Uribe Miranda	

ESTADO DA ARTE SOBRE O ENSINO ARTÍSTICO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: 1996-2024	68
Layla Cristine Leal Nascimento	
Nertan Dias Silva Maia	
POTENCIAIS EPISTÊMICOS NA ARTE LITERÁRIA À LUZ DO COGNITIVISMO ESTÉTICO	70
Leandro Moreto da Rosa	
Ernani Mügge	
A DISPUTA DA EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS NA REFORMA DO ENSINO MÉDIO: QUESTÕES SOBRE A CONCEPÇÃO DE CRIATIVIDADE	72
Lícia Cristina Araújo da Hora	
PINHOLE E EDUCAÇÃO ESTÉTICA: DO COMO AO POR QUÊ?	74
Lucas Viana Silva	
Carlos Eduardo Cordeiro	
DA METAFÍSICA DA ARTE PARA A ARTE COMO ACONTECIMENTO HISTÓRICO EM HEIDEGGER E VATTIMO	75
Luís Filipe da Conceição Araújo	
Luís Hernán Uribe Miranda	
ARTE E MORALIDADE NA ESTÉTICA DE SCHILLER	76
Matheus Bahia Lindoso	
Luís Inácio Oliveira Costa	
NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS COMO EDUCAÇÃO ESTÉTICA E EMANCIPAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DA CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO “TÓREU – VOU FALAR DE NOVO SÓ PRA VOCÊ NÃO ESQUECER”	78
Matheus Giannini Caldas Dantas	
O USO DAS OBRAS DE ARTE NO ENSINO DE FILOSOFIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS DISSERTAÇÕES APRESENTADAS NO PROF-FILO DURANTE O QUADRIÊNIO 2017-2020	80
Paulo Cesar Jakimiu Sabino	
A <i>BILDUNG</i> EM TRÊS MOMENTOS: GOETHE, SCHILLER E WILHELM VON HUMBOLDT	81
Renato Costa Leandro	

A FICÇÃO FILOSÓFICA DE VILÉM FLUSSER: UMA LEITURA DO <i>VAMPYROTEUTHIS INFERNALIS</i>.....	82
---	-----------

Vinícius Pereira Bezerra

A ARTE COMO EXPERIÊNCIA DE COMPREENSÃO E DECLARAÇÃO DE VERDADE EM GADAMER.....	83
---	-----------

Wenderson Carlos dos Anjos Azevedo

Almir Ferreira da Silva Júnior

O CRITÉRIO OBJETIVO DO BELO SEGUNDO SCHILLER.....	85
--	-----------

Yasmim Costa Cabral

Danielton Campos Melonio

A QUANTAS ANDA O ENSINO DE ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL NO ESTADO DO MARANHÃO?	87
---	-----------

Zilda dos Santos Rodrigues

Nertan Dias Silva Maia

Área temática:

Estética Alemã dos Séculos XVIII e XIX:

Kant, Schiller e o Romantismo Alemão

SCHILLER E KANT: A RAZÃO E O SENSÍVEL.....	90
---	-----------

Alcione Santos de Sousa

A TEORIA DO BELO KANTIANA	92
--	-----------

Alinne Cardoso Cruz

Danielton Campos Melonio

A CRÍTICA DE SCHILLER À MODERNIDADE E O MODELO GREGO DE BELEZA....	93
---	-----------

Bartolomeu dos Santos Costa

João Caetano Linhares

SOBRE O DIRECIONAMENTO DO SIGNIFICADO DE SÍMBOLO PARA O ESTÉTICO EM SCHILLER	95
---	-----------

Lavínia Neves Moreno Silva

Almir Ferreira da Silva Júnior

ENTRE O PRAZER E A DOR: A CONTRIBUIÇÃO DO BELO E DO SUBLIME PARA A ESTÉTICA E A FILOSOFIA DA ARTE	97
--	-----------

Rayane Dutra de Araujo

Tedson Mayckell Braga Teixeira

**A BELEZA ADERENTE DO CONSUMO: UMA ANÁLISE
KANTIANA DA ESTÉTICA NA SOCIEDADE DA IMAGEM 99**

Vanessa Cristina da Costa Botelho

Danielton Campos Melonio

Área temática:

Fundamentos Filosóficos da Música

INFLUÊNCIAS DO *STURM UND DRANG* MÚSICAS DA LEGIÃO URBANA..... 101

Cleyton de Sousa Braga

**TEORIA CRÍTICA E FEMINISMO EM SUSAN MCCLARY A PARTIR DO
PENS DE ADORNO: ESTRUTURA E SIGNIFICADO NA OBRA MUSICAL 102**

Marlon Santos Trindade

Rainer Câmara Patriota

ESTÉTICA E ÉTICA NA FILOSOFIA DA MÚSICA 104

Renato de Moraes Martins

**TEMPO, CRIAÇÃO E MÚSICA: REFLEXÕES SOBRE A CRIAÇÃO
MUSICAL E AS TIPOLOGIAS DE PIERRE SOUVTCHINSKY 105**

Wellington Jose Gonçalves

Área temática:

O Belo, o Sublime e o Trágico

**DA ILUSÃO DO CONTROLE A AFINIDADE ELETIVA: UMA PESQUISA
DE CASO COMPARATIVO DAS OBRAS DE BAUDELAIRE E MONTAIGNE 108**

Agnaeldo Áquila Viana dos Santos

Franciele Monique Scopetc dos Santos

**A RUÍNA COMO PENSAMENTO
ALEGÓRICO NO DRAMA TRÁGICO 110**

Allyson Julllyan dos S. Nascimento

Marcelo de Mello Rangel

O TRÁGICO NA FILOSOFIA DE PLATÃO 111

Francisco Veriano Gomes de Oliveira

Danilo Pereira Farias

Deysielle Costa das Chagas

O BELO EM PLOTINO	113
--------------------------------	------------

Jean Carlos Silva Mesquita

Sidnei Francisco do Nascimento

SCHELLING – A VINGANÇA DA TRAGÉDIA SOBRE A FILOSOFIA	114
---	------------

Rodrigo Viana Passos

Área temática:

O Estético e os possíveis vínculos com outros campos do conhecimento

A LITERATURA COMO ESPAÇO DE RECONHECIMENTO:

A ESTÉTICA DA ALTERIDADE EM PAUL RICOEUR.....	116
--	------------

Álvaro Emannel de Oliveira Costa e Freire

Rita de Cássia Oliveira

CONSIDERAÇÕES SOBRE TRADUÇÃO, POESIA, PERFORMANCE E A FRONTEIRA DAS ARTES	118
--	------------

Fernanda Goya Setubal

Anderson Bogéa

O (IN)VISÍVEL NAS PAREDES: UMA LEITURA ESTÉTICA SOBRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO DO FILME <i>AINDA ESTOU AQUI</i>, DE WALTER SALLES	119
--	------------

Flaviano Menezes da Costa

O USO DO <i>MINDFULNESS</i> NA ANIMAÇÃO “<i>THE MIDNIGHT GOSPEL</i>” SOB A LUZ DA ESTÉTICA NIETZSCHIANA.....	121
---	------------

Milena Carolina Cantanhede Silva

Danielton Campos Melonio

ARTE, SENSAÇÃO E CONCEITO: POR UMA ESTÉTICA FILOSÓFICA EM GILLES DELEUZE.....	122
--	------------

Pedro Estevam Gemaque Chacon

Wandeilson Silva de Miranda

ARTE CONTEMPORÂNEA E TENSIONAMENTOS SOCIAIS: <i>THE WINDOW</i>, DE BÜLENT ŞANGAR.....	124
--	------------

Rosana Steinke

ARTE POÉTICA NO <i>POEMA SUJO</i> DE FERREIRA GULLAR: EXERCÍCIO A PARTIR DA ESTÉTICA DE HEGEL	125
Samarone Carvalho Marinho	
A RELAÇÃO DO PENSAMENTO ESTÉTICO E POLÍTICO EM KANT, SEGUNDO HANNAH ARENDT	127
Taila de Abreu Ribeiro	
Pedro Paulo da Costa Corôa	
A ESTRUTURA HERMENÊUTICA DA RACIONALIDADE: O PAPEL DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA.....	129
João Caetano Linhares	
NIETZSCHE, WAGNER E A ARTE DECADENTE	130
Wolfgang Theis	
A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA ESVAZIADA	132
David Alla Mota Serra	
A MEDIAÇÃO SENSÍVEL ENTRE A ARTE E O ESPECTADOR	133
Fabiane Camelo Viana	
Larissa Falcão Castro Reis	
Plínio Santos Fontenelle	
A FILOSOFIA EM PINTURA: CÉZANNE E A EXPERIÊNCIA PERCEPTIVA À LUZ DA FENOMOLOGIA DE MERLEAU-PONTY	135
Larissa Falcão Castro Reis	
Plínio Santos Fontenelle	
A ESTÉTICA DE SCHILLER PARA O POSSÍVEL ESTUDO DO CINEMA MUNDIAL	137
Ney Alves de Arruda	

APRESENTAÇÃO

A escassez de eventos acadêmicos que versam sobre Estética e Filosofia da Arte é notória em nosso país. Um dos mais importantes eventos nessa área é o *Congresso Internacional de Estética Brasil*, evento bienal promovido pela Associação Brasileira de Estética (ABRE), realizado – com exceção das edições de 2021 (Salvador-BA), 2023 (Niterói-RJ) e 2025 (Florianópolis-SC) – majoritariamente em Minas Gerais desde sua primeira edição. Fora algumas iniciativas em universidades sobretudo das regiões Sul e Sudeste, os eventos sobre Estética e Filosofia da Arte são raros, especialmente nas regiões Norte e Nordeste. E no caso do Maranhão, esse tipo de iniciativa não é comum; salvo melhor juízo, é a primeira vez que se propõe a realização de um evento com essa temática e com essa dimensão. Por isso, consideramos que o **I Simpósio de Estética e Filosofia da Arte – SEFILOARTE: diálogos entre beleza, gosto, arte e educação** representa uma contribuição considerável para a promoção das pesquisas e dos debates nessa área de conhecimento, principalmente na região amazônica norte-nordestina, uma das mais carentes desse tipo de evento.

Um dos motivos que tivemos para realizar o I SEFILOARTE é que no ano de 2025 a obra fundamental do filósofo alemão Friedrich Schiller (1759-1805), *Sobre a educação estética do homem numa série de cartas*, completou 230 anos, pois fora publicada na Revista *Die Horen* em 1795. Nesta obra, Schiller apresenta suas reflexões sobre a necessidade da efetivação de um projeto de *educação estética*, que seria responsável pela formação dos sujeitos para a liberdade. Esse projeto, já na época do filósofo, era visto como desnecessário pela maioria dos seus contemporâneos, todavia Schiller foi seu maior defensor. Ele afirmou em suas *Cartas* que efetivar tal projeto seria uma tarefa para “*mais de um século*”, pois, em sua visão, a inércia do Esclarecimento (*Aufklärung*) e as consequências violentas da Revolução Francesa impediam a consumação de um *esclarecimento estético*.

Assim, debater acerca do *projeto de uma educação estética* na contemporaneidade – especialmente em um momento em que a ciência e a razão estão sendo desacreditadas por parte de setores da população mundial, em

que as redes sociais se transformaram em espaços de divulgação de violências e de *fake news*, em que a pós-verdade vem tomando paulatinamente o lugar da verdade, criando uma realidade paralela que passa a orientar a visão de mundo de certos indivíduos, e em que o obscurantismo e o negacionismo passam a tomar o lugar da razão – parece muito pertinente e necessário. Mais de duzentos anos após Schiller apresentar sua tese segundo a qual “*é pela beleza que se chega à liberdade*”, parece que continuamos a viver a mesma carência estética dos tempos schillerianos, algo que nos faz acreditar não ser “*extemporâneo preocupar-se com as necessidades do mundo estético*”.

Nesse sentido, discutir o projeto de educação estética sugerido por Schiller ainda se faz necessário na atualidade, não apenas para refletir sobre seus conceitos, mas, principalmente, para avaliarmos suas (im)possibilidades e perspectivas em nossa época, que se mostra cada vez mais refém de uma estética empobrecida pelas veleidades contemporâneas. Por isso, tomando o projeto de educação estética schilleriano como ponto de partida e pano de fundo, e aproveitando a comemoração dos 230 anos de sua publicação, justificamos a realização do **I SEFILOARTE** na esperança de poder contribuir, dentro dos nossos limites, para ampliar a discussão sobre a questão da educação estética em âmbito nacional.

Esta primeira edição do evento teve como principal objetivo promover o intercâmbio acadêmico e a reflexão crítica entre professores, pesquisadores, estudantes e profissionais liberais sobre as intersecções e diálogos entre beleza, gosto, arte e educação no âmbito da Estética e da Filosofia da Arte. Entre os objetivos específicos constaram: inscrever a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) no cenário nacional dos grandes debates acerca da Estética e Filosofia da Arte; desenvolver parcerias institucionais entre a Universidade Federal do Maranhão e outras instituições de pesquisa em nível nacional, por meio do I SEFILOARTE e do *Grupo de Estudos e Pesquisa em Estética Alemã Moderna* - GEP-ESTÉTICA; e fomentar, no contexto da UFMA, pesquisas em nível de graduação e pós-graduação em Estética e Filosofia da Arte.

O evento ocorreu na Universidade Federal do Maranhão, na cidade de São Luís-MA, entre os dias 14, 15 e 16 de maio de 2025, no formato híbrido. A cidade sede do evento é estimada mundialmente por

sua tradição cultural rica e diversificada, tendo sido reconhecida pela UNESCO, em 1997, como Patrimônio Cultural Mundial dado o valor estético e artístico do conjunto arquitetônico de seu Centro Histórico, considerado um dos maiores acervos coloniais portugueses do mundo. A partir de agora a cidade passará a sediar bienalmente o SEFILOARTE, que almeja se tornar um evento importante dentro do circuito de eventos acadêmicos nacionais – quiçá internacionais – sempre buscando contribuir com as discussões acerca das grandes questões da Estética e de Filosofia da Arte e temas afins.

Vale ressaltar que o I SEFILOARTE foi realizado pelo *Grupo de Estudos e Pesquisa em Estética Alemã* – GEP-ESTÉTICA graças ao fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, por meio do Edital PAEP/2025, bem como ao importante apoio institucional da UFMA, em especial do Centro de Ciências Humanas – CCH, do Departamento de Filosofia – DEFIL, da Coordenação do Curso de Filosofia – COFIL, do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFMA – PPGFIL.

O GEP-ESTÉTICA foi institucionalizado nos âmbitos da UFMA e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq no ano de 2022. Desde então, vem desenvolvendo atividades permanentes de estudos e pesquisas em torno de sua temática central, porém, estabelecendo diálogos com outras áreas do conhecimento numa perspectiva interdisciplinar. Entre suas metas, além de produção de conhecimento, está a promoção de eventos acadêmicos, especialmente, voltados para a filosofia alemã moderna, mas sem deixar de levar em consideração outras escolas e correntes estético-filosóficas.

Foi visando cumprir estas metas que o GEP-ESTÉTICA gestou, planejou, organizou e realizou o I SEFILOARTE, em cujo subtítulo, “Diálogos entre beleza, gosto, arte e educação”, aparecem conceitos fundamentais que permeiam a experiência humana e influenciam profundamente a educação. Explorar a interseção entre tais conceitos significou promover debates enriquecedores que acreditamos terem contribuído para a formação de todos os participantes, os quais foram incentivados a questionar e a expandir suas próprias concepções de beleza, gosto, arte e educação, enri-

quecendo, assim, sua experiência formativa. Com isso, o I SEFILOARTE inaugurou no contexto acadêmico do Estado do Maranhão, e especificamente da UFMA, um ciclo virtuoso de atividades acadêmicas, estudos e pesquisas em volta dos temas da Estética e da Filosofia da Arte, cujos primeiros resultados apresentamos organizados em forma de resumos de pesquisas no presente volume.

Boa leitura!

Prof. Dr. Danielton Campos Melonio

Prof. Dr. Nertan Dias Silva Maia

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL

TABELA 1: SESSÕES DE COMUNICAÇÕES ORAIS REMOTAS

SESSÃO REMOTA 1 - Dia 16/05 - das 8h às 9h		
Área Temática: Arte, Emancipação e Esclarecimento		
Ord.	Trabalho	Apresentador(a)
1	A PARTICULARIDADE COMO CATEGORIA DA ESTÉTICA: CONTRIBUIÇÕES DE GOETHE E DE LUKÁCS	Jackeline Norberto Diniz
2	ARTE COMO ESCLARECIMENTO ESTÉTICO EM IMMANUEL KANT VERSUS A INDÚSTRIA CULTURAL EM THEODOR ADORNO	Erisvanda Campos da Costa
3	A DIMENSÃO ESTÉTICA DA ESCOLA DE FRANKFURT NA PERSPECTIVA DE ADORNO	Rodrigo Antonio Iturra Wolff
Área Temática: Estética Alemã dos Séculos XVIII e XIX: Kant, Schiller e o Romantismo Alemão		
4	A CRÍTICA DE SCHILLER À MODERNIDADE E O MODELO GREGO DE BELEZA	Bartolomeu dos Santos Costa
5	ENTRE O PRAZER E A DOR: A CONTRIBUIÇÃO DO BELO E DO SUBLIME PARA A ESTÉTICA E A FILOSOFIA DA ARTE	Rayane Dutra De Araujo
6	SCHILLER E KANT: A RAZÃO E O SENSÍVEL	Alcione Santos de Sousa
Link Google Meet: https://meet.google.com/icd-ywya-jqd		
SESSÃO REMOTA 2 – Dia 16/05 - das 9h às 10h		
Área Temática: Arte, Filosofia e Educação Estética		
Ord.	Trabalho	Apresentador(a)
1	O CONCEITO DE <i>MÍMESIS</i> EM PLATÃO E ARISTÓTELES	Yasmim Costa Cabral

2	MORTE E ALTERIDADE NA OBRA <i>HUIS CLOS</i> : O EXISTENCIALISMO NO TEATRO FILOSÓFICO SARTRIANO	Ednan Galvão Santos
3	A EDUCAÇÃO ESTÉTICA DO HOMEM: UM ENSAIO ESTÉTICO OU UM MANIFESTO POLÍTICO?	Bartolomeu dos Santos Costa
4	O CRITÉRIO OBJETIVO DO BELO SEGUNDO SCHILLER	Yasmim Costa Cabral
5	ARTE E MODERNIDADE: O DEBATE DE HABERMAS COM ADORNO	Jefferson do Nascimento Muniz
6	“DE OUTROS ESPAÇOS”, O ESPAÇO URBANO, EM <i>BEBEL QUE A CIDADE COMEU</i> , DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO	Adriano Carvalho Viana
7	O USO DAS OBRAS DE ARTE NO ENSINO DE FILOSOFIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS DISSERTAÇÕES APRESENTADAS NO PROF-FILO DURANTE O QUADRIÊNIO 2017-2020	Paulo Cesar Jakimiu Sabino
8	NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS COMO EDUCAÇÃO ESTÉTICA E EMANCIPAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DA CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO “TÓREU – VOU FALAR DE NOVO SÓ PRA VOCÊ NÃO ESQUECER”	Matheus Giannini Caldas Dantas
Link Google Meet: https://meet.google.com/wsu-zvae-cik		
SESSÃO REMOTA 3 - Dia 16/05 - das 10h às 11h		
Área Temática: Arte, Filosofia e Educação Estética		
Ord.	Trabalho	Apresentador(a)
1	POTENCIAIS EPISTÊMICOS NA ARTE LITERÁRIA À LUZ DO COGNITIVISMO ESTÉTICO	Leandro Moreto da Rosa
2	ANÁLISE CRÍTICA DA ARTE- EDUCAÇÃO A PARTIR DA OBRA ESTÉTICA DE GEORG LUKÁCS	Jefferson Nogueira Lopes

3	A QUANTAS ANDA O ENSINO DE ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL NO ESTADO DO MARANHÃO?	Zilda dos Santos Rodrigues
Área Temática: Fundamentos Filosóficos da música		
4	TEORIA CRÍTICA E FEMINISMO EM SUSAN MCCLARY A PARTIR DO PENSAMENTO MUSICOLÓGICO DE ADORNO: ESTRUTURA E SIGNIFICADO NA OBRA MUSICAL	Marlon Santos Trindade
5	ESTÉTICA E ÉTICA NA FILOSOFIA DA MÚSICA	Renato de Moraes Martins
6	TEMPO, CRIAÇÃO E MÚSICA: REFLEXÕES SOBRE A CRIAÇÃO MUSICAL E AS TIPOLOGIAS DE PIERRE SOUVTCHINSKY	Wellington Jose Gonçalves
Área Temática: O Gênio, a Arte, o Artista		
7	A ESTÉTICA DE SCHILLER PARA O POSSÍVEL ESTUDO DO CINEMA MUNDIAL	Ney Alves de Arruda
Área Temática: O Belo, o Sublime e o Trágico		
8	A RUÍNA COMO PENSAMENTO ALEGÓRICO NO DRAMA TRÁGICO	Allyson Jullyan dos S. Nascimento
Link Google Meet: https://meet.google.com/xbz-bwwt-jvx		
SESSÃO REMOTA 4 - Dia 16/05 - das 11h às 12h		
Área Temática: O Estético e os possíveis vínculos com outros campos do conhecimento		
Ord.	Trabalho	Apresentador(a)
1	NIETZSCHE, WAGNER E A ARTE DECADENTE	Wolfgang Theis
2	O (IN)VISÍVEL NAS PAREDES: UMA LEITURA ESTÉTICA SOBRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO DO FILME <i>AINDA ESTOU AQUI</i> , DE WALTER SALLES	Flaviano Menezes Da Costa

3	CONSIDERAÇÕES SOBRE TRADUÇÃO, POESIA, PERFORMANCE E A FRONTEIRA DAS ARTES	Fernanda Goya Setúbal
4	ARTE CONTEMPORÂNEA E TENSIONAMENTOS SOCIAIS: <i>THE WINDOW</i> , DE BÜLENT SANGAR	Rosana Zanete Steinke
5	A RELAÇÃO DO PENSAMENTO ESTÉTICO E POLÍTICO EM KANT, SEGUNDO HANNAH ARENDT	Taila de Abreu Ribeiro
6	A LITERATURA COMO ESPAÇO DE RECONHECIMENTO: A ESTÉTICA DA ALTERIDADE EM PAUL RICOEUR	Álvaro Emannel de Oliveira Costa Freire
Link Google Meet: https://meet.google.com/vcu-cfek-tvh		

Fonte: Comissão organizadora do evento.

TABELA 2: SESSÕES DE COMUNICAÇÃO ORAL PRESENCIAL

SESSÃO PRESENCIAL 1 - Dia 16/05 - das 8h às 9h		
Área Temática: Arte, Emancipação e Esclarecimento		
Ord.	Trabalho	Apresentador(a)
1	ARTE E EMANCIPAÇÃO EM ADORNO	Luan Fernando Rosas Santos
2	ENTRE MARX E ORWELL: A IDEOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO	Amanda Moreira
3	RESSIGNIFICANDO O MÉTODO SOCRÁTICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DE UMA PRÁTICA EXITOSA COM A TURMA DO 1º ANO DE DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS DO INSTITUTO FEDERAL DO MARANHÃO – CAMPUS VIANA	Leonardo Silva Sousa
Área Temática: Estética Alemã dos Séculos XVIII e XIX: Kant, Schiller e o Romantismo Alemão		
4	A TEORIA DO BELO KANTIANA	Alinne Cardoso Cruz
5	SOBRE O DIRECIONAMENTO DO SIGNIFICADO DE SÍMBOLO PARA O ESTÉTICO EM SCHILLER	Lavínia Neves Moreno Silva
6	A BELEZA ADERENTE DO CONSUMO: UMA ANÁLISE KANTIANA DA ESTÉTICA NA SOCIEDADE DA IMAGEM.	Vanessa Cristina da Costa Botelho
Local: Auditório A do CCH/UFMA		
SESSÃO PRESENCIAL 2 - Dia 16/05 - das 9h às 10h		
Área Temática: Arte, Filosofia e Educação Estética		
Ord.	Trabalho	Apresentador(a)
1	ANÁLISE DO ROMANCE <i>ESTIVE LÁ FORA</i> , DE RONALDO CORREIA DE BRITO, A PARTIR RELAÇÃO ENTRE AS NOÇÕES DE MEMÓRIA E IDENTIDADE EM PAUL RICOEUR E PARRESÍA EM MICHAEL FOUCAULT	Daniela Sousa da Rocha

2	ESTÉTICA PÓS-MODERNA E POSSIBILIDADES EDUCATIVAS: REFLEXÕES A PARTIR DO PENSAMENTO ESTÉTICO DE GIANNI VATTIMO	Jocilene Mary Furtado Lima da Silva
3	ESTADO DA ARTE SOBRE O ENSINO ARTÍSTICO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: 1996-2024	Layla Cristine Leal Nascimento
4	CONCEPÇÕES E METODOLOGIAS DE ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NOS SÉCULOS XX E XXI	Ester Oliveira de Queiroz
5	A <i>BILDUNG</i> EM TRÊS MOMENTOS: GOETHE, SCHILLER E WILHELM VON HUMBOLDT	Renato Costa Leandro
6	A POSSIBILIDADE DE UMA RETÓRICA FILOSÓFICA COMO <i>TÉCHNE</i> EM PLATÃO	Felipe Gustavo Dos Santos Cabral
Local: Auditório A do CCH/UFMA		
SESSÃO PRESENCIAL 3 - Dia 16/05 - das 9h às 10h		
Área Temática: Arte, Filosofia e Educação Estética		
Ord.	Trabalho	Apresentador(a)
1	DA METAFÍSICA DA ARTE PARA A ARTE COMO ACONTECIMENTO HISTÓRICO EM HEIDEGGER E VATTIMO	Luís Filipe Da Conceição Araújo
2	O SURREALISMO COMO INOPEROSIDADE NA ESTÉTICA DE AGAMBEN	João Emanuel Alves Marques
3	PINHOLE E EDUCAÇÃO ESTÉTICA: DO COMO AO POR QUÊ?	Lucas Viana Silva
4	ARTE E MORALIDADE NA ESTÉTICA DE SCHILLER	Matheus Bahia Lindoso
5	A ARTE COMO EXPERIÊNCIA DE COMPREENSÃO E DECLARAÇÃO DE VERDADE EM GADAMER	Wenderson Carlos dos Anjos Asevedo
6	A FICÇÃO FILOSÓFICA DE VILÉM FLUSSER: UMA LEITURA DO <i>VAMPYROTEUTHIS INFERNALIS</i>	Vinicius Pereira Bezerra
Local: Auditório B do CCH/UFMA		

SESSÃO PRESENCIAL 4 - Dia 16/05 - das 10h às 11h		
Área Temática: Fundamentos Filosóficos da música		
Ord.	Trabalho	Apresentador(a)
1	INFLUÊNCIAS DO “ <i>STURM UND DRANG</i> ” EM MÚSICAS DA LEGIÃO URBANA	Cleyton de Sousa Braga
Área Temática: O Belo, o Sublime e o Trágico		
2	SCHELLING: A VINGANÇA DA TRAGÉDIA SOBRE A FILOSOFIA	Rodrigo Viana Passos
3	DA ILUSÃO DO CONTROLE A AFINIDADE ELETIVA: UMA PESQUISA DE CASO COMPARATIVO DAS OBRAS DE BAUDELAIRE E MONTAIGNE	Agnaeldo Áquila Viana dos Santos
4	O BELO EM PLOTINO	Jean Carlos Silva Mesquita
5	O TRÁGICO NA FILOSOFIA DE PLATÃO	Francisco Veriano Gomes de Oliveira
Local: Auditório A do CCH/UFMA		
SESSÃO PRESENCIAL 5 - Dia 16/05 - das 10h às 11h		
Área Temática: O Estético e os possíveis vínculos com outros campos do conhecimento		
Ord.	Trabalho	Apresentador(a)
1	ARTE, SENSAÇÃO E CONCEITO: POR UMA ESTÉTICA FILOSÓFICA EM GILLES DELEUZE	Pedro Estevam Gemaque Chacon
2	A ESTRUTURA HERMENÊUTICA DA RACIONALIDADE: O PAPEL DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA	João Caetano Linhares
3	O USO DO <i>MINDFULNESS</i> NA ANIMAÇÃO “ <i>THE MIDNIGHT GOSPEL</i> ” SOB A LUZ DA ESTÉTICA NIETZSCHIANA	Milena Carolina Cantanhede Silva
4	ARTE POÉTICA NO <i>POEMA SUJO</i> DE FERREIRA GULLAR: EXERCÍCIO A PARTIR DA ESTÉTICA DE HEGEL	Samarone Carvalho Marinho

Área Temática: O Gênio, a Arte, o Artista		
5	A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA ESVAZIADA	David Alla Mota Serra
6	A FILOSOFIA EM PINTURA: CÉZANNE E A EXPERIÊNCIA PERCEPTIVA À LUZ DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY	Larissa Falcão Castro Reis
7	A MEDIAÇÃO SENSÍVEL ENTRE A ARTE E O ESPECTADOR	Fabiane Camelo Viana
Local: Auditório B do CCH/UFMA		
SESSÃO PRESENCIAL 6 - Dia 16/05 - das 11h às 12h		
Área Temática: Arte, Filosofia e Educação Estética		
Ord.	Trabalho	Apresentador(a)
1	MÍMESIS E A NECESSIDADE DE COMPREENSÃO DO CONCEITO PELO TEATRO NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE GREGA	Diêgo José da Silva
2	A ARQUITETURA DA IMAGEM: <i>ARCHÉ</i> E ARTE PRECÁRIA EM JEAN-MARIE SCHAEFFER	Ed Monteiro Da Silva Neto
3	O IMAGINÁRIO COMO VIA DE ACESSO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO: MEDIAÇÃO SIMBÓLICA ENTRE EXPERIÊNCIA E REFLEXÃO NO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	Alexandre Jordão
4	A MIMÉTICA EM FÍLON DE ALEXANDRIA	Danilo Pereira Farias
5	A DISPUTA DA EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS NA REFORMA DO ENSINO MÉDIO: QUESTÕES SOBRE A CONCEPÇÃO DE CRIATIVIDADE	Lícia Cristina Araújo da Hora
Local: Auditório A do CCH/UFMA		

Fonte: Comissão organizadora do evento.

Área temática:
Arte, Emancipação e Esclarecimento



ENTRE MARX E ORWELL: A IDEOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO

Amanda Pinheiro Moreira

Graduada em Filosofia - DEFIL/UFMA
aamandamoreira5@gmail.com
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Danielton Campos Melonio

Doutor em Filosofia – PPGFIL/UERJ
danielton.melonio@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: O presente trabalho investiga a aplicação do conceito filosófico de ideologia, conforme discorrido por Karl Marx, na obra literária *1984*, do escritor inglês George Orwell. Trata-se de uma pesquisa teórica com abordagem interdisciplinar, que articula fundamentos da Filosofia e da Literatura com o intuito de refletir criticamente sobre as estruturas de dominação presentes na obra e na sociedade contemporânea. O objetivo central é compreender em que medida os mecanismos de controle presentes na narrativa de Orwell ilustram o funcionamento da ideologia enquanto instrumento de manutenção da hegemonia por parte das classes dominantes. Para isso foi realizada uma revisão bibliográfica que contemplou as obras dos autores citados e de comentadores especializados, buscando estabelecer conexões entre os campos filosófico e literário. O roteiro da pesquisa desenvolve-se em três partes principais: no primeiro momento, apresenta-se o conceito de ideologia, desde suas origens até sua formulação por Marx, destacando sua função de mascarar as contradições sociais e manter a supremacia da classe dominante; em seguida, analisa-se como os mecanismos de poder empregados pelo *Partido* em *1984* – como Novilíngua, a vigilância total e o culto ao Grande Irmão – correspondem à estrutura ideológica que mantém a população subjugada, impedindo o desenvolvimento da consciência crítica; por fim, a conclusão evidencia que Orwell, ainda que a partir de uma linguagem fictícia, expressa de ma-

neira contundente os efeitos da ideologia marxista no campo social, político e subjetivo. A pesquisa destaca, assim, a potência da literatura como ferramenta para ilustrar e ampliar a compreensão de conceitos filosóficos, reforçando a importância do diálogo entre essas duas áreas distintas do conhecimento. Conclui-se que *1984* não apenas reflete um cenário distópico, mas também revela, de forma simbólica, os perigos do domínio ideológico como forma de silenciamento e perpetuação da alienação.

Palavras-chave: Ideologia; Karl Marx; George Orwell; *1984*.

ARTE COMO ESCLARECIMENTO ESTÉTICO EM IMMANUEL KANT VERSUS A INDÚSTRIA CULTURAL EM THEODOR ADORNO

Erisvanda Campos da Costa

Licenciatura em Filosofia - Universidade Estadual do Piauí

Mestrado em Filosofia - Universidade Estadual do Ceará

erisvandacamposcst@gmail.com

Universidade Estadual do Piauí

RESUMO: A Arte como esclarecimento estético e o conceito de Indústria Cultural ambos os conceitos são diferentes e oportunos na discussão do pensamento filosófico moderno e contemporâneo. O artigo irá abordar a ideia invertida da *crítica* e *autocrítica* sobre a visão da Arte no contexto da Indústria Cultural *versus* a ideia de esclarecimento. Dentre os pensadores abordados na pesquisa são: Immanuel Kant e Theodor W. Adorno. Kant, em sua *Crítica da Faculdade do Juízo*, estabelece os fundamentos da estética moderna ao desvincular o juízo de gosto de interesses práticos e racionais. Adorno, por sua vez, elabora uma estética crítica influenciada por Kant, mas voltada para a análise do papel social da arte na modernidade, especialmente sob as condições do capitalismo e da Indústria Cultural. Este artigo tem como objetivo analisar como a arte é compreendida como instância de esclarecimento em Kant, enquanto em Adorno é identificada como um problema no contexto da Indústria, destacando convergências e tensões entre suas abordagens. Partindo do pressuposto de que a estética, em ambos os pensadores, não é um campo isolado, mas articulado à crítica da razão, à liberdade e à possibilidade de uma experiência não reificada do mundo.

Palavras-chave: Arte; Esclarecimento; Estética; Indústria Cultural.

PARTICULARIDADE COMO CATEGORIA DA ESTÉTICA: CONTRIBUIÇÕES DE GOETHE E DE LUKÁCS

Jackeline Noberto Diniz

Graduanda em Letras - Universidade Estadual Paulista (UNESP)

jackeline.diniz@unesp.br

Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara (FCLAr)

Lucas André Teixeira

Docente do Departamento de Educação - Universidade Estadual Paulista (UNESP)

lucas.andre@unesp.br

Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara (FCLAr)

RESUMO: György Lukács se destaca por sua formulação Estética pautada nos preceitos marxistas, na defesa pelo humanismo e na especificidade da arte como elemento de transformação humana, tendo como referência de seus escritos a herança teórica de variados antecessores, dentre eles, o poeta alemão, Goethe, cuja relação enfocará a categoria estética da particularidade no percurso de desenvolvimento desta pesquisa. À vista disso, o presente trabalho se configura como uma revisão bibliográfica, parte de uma pesquisa mais ampla com enfoque na compreensão literária lukacsiana e sua categoria da tipicidade. Nesse sentido, a investigação aqui proposta visa a exposição, de forma não exaustiva, do conceito de *Urpflanze* (“planta primordial”) — denominado posteriormente de “fenômeno original” —, proposto por Goethe e que, incorporado por Lukács, contribuiu na elaboração da categoria estética da particularidade. Tais conceitos são para ambos, em suas respectivas formulações teóricas, elementos chave para a compreensão da natureza poética. Com isso, o estudo pauta-se na metodologia qualitativa, na modalidade de pesquisa bibliográfica, tendo como principal escopo teórico, *Introdução a uma estética marxista*, de Lukács, e *Estética e “fenômeno originário” (Urphanomen) em Goethe*, de Santos Neto. Por meio do estudo das referidas obras, observou-se que, pela busca na natureza, Goethe identificou a essência de uma “planta primordial” uni-

versal que, em um processo ininterrupto de mutações manifesta-se, em dada medida, em cada uma das plantas no mundo vegetal, evidenciando a constante relação de eterno movimento da universalidade com a singularidade. Trazendo para o âmbito da poesia, o poeta defende que a expressão de um mundo literário vivo, expressa necessariamente o universal e o singular simultaneamente, sem referir-se diretamente à eles: trata-se de um particular que se separa e unifica-se às demais categorias referidas — é a representação de um indivíduo que é também parte de uma espécie. É nesta relação dialética entre o universal e o singular, convertendo-se um no outro incessantemente, que reside a particularidade, o ponto de recolhimento para o qual os movimentos convergem, como afirma Lukács. Assim, apropriando-se de Goethe, o esteta não apenas partilha das proposições tecidas pelo poeta, mas também acrescenta e salienta sobre o papel da particularidade para além de mera mediação, posto que ela possui também uma relativa independência. Nesse viés, o particular insere-se como síntese dos demais conceitos, dado que ele pode ocupar um posicional na relação entre o universal e o singular, contribuindo para a criação artística de um mundo concebido como um sistema de contrastes e de tensões — elementos estes primordiais na concepção artística e literária lukacsiana, dentre as quais destaca-se a categoria particularidade. Por isso, conclui-se que, a partir das formulações tecidas por Goethe, Lukács pôde realizar importantes saltos em sua concepção estética.

Palavras-chave: Lukács; Goethe; Estética; Particularidade.

RESSIGNIFICANDO O MÉTODO SOCRÁTICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DE UMA PRÁTICA EXITOSA COM A TURMA DO 1º ANO DE DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS DO INSTITUTO FEDERAL DO MARANHÃO – CAMPUS VIANA

Leonardo Silva Sousa

Mestre em Cultura e Sociedade

leonardo.sousa@ifma.edu.br

Instituto Federal do Maranhão – Campus Viana

RESUMO: O grego Sócrates (469/470 a.C. - 399 a.C.), ao desenvolver um método filosófico baseado em combater conhecimentos superficiais ou equivocados a respeito da justiça, amor ou verdade, não estaria apenas preocupado com a verdade conceitual das coisas, mas sim de que maneira a purificação de conceitos contraditórios poderia levar o ser humano à expansão de sua consciência, como também agir de acordo com o bem e com a virtude. Deste modo, este trabalho de cunho teórico-bibliográfico e de abordagem descritiva tem como objetivo destacar a relevância e atualidade do método socrático a partir de um relato de experiência com a turma do 1º ano de Desenvolvimento de Sistemas do Instituto Federal do Maranhão – Campus Viana. Para esta tarefa, a exposição obedecerá aos seguintes passos metodológicos: inicialmente, partiremos das reflexões de autores como Immanuel Kant (1724-1804) e Theodor Adorno (1903-1969), que em suas análises sobre a educação, acentuam o caráter emancipatório e de esclarecimento que esta deve ter. Posteriormente, apresentaremos como aportes para o diálogo as ideias dos pensadores Denis Diderot (1713-1784) e Friedrich Schiller (1759-1805), que em seus projetos filosóficos destacaram o papel que a arte poderia desempenhar para o progresso de uma classe social ou civilização. Ainda, refletiremos em torno da concepção de reflexão filosófica em Silvio Gallo (1963 -) e suas propostas para o ensino de Filosofia. Por fim, apresentaremos uma experiência exitosa com a turma do 1º ano do curso de Desenvolvimento de Sistemas do IFMA-Campus Viana, na qual os estudantes buscaram “ressignificar”

o método socrático no enfrentamento de preconceitos e crenças limitantes a partir da produção de curtas-metragens. Como resultados, identificamos que os estudantes alcançaram os objetivos previstos pelo professor, aplicando conceitos filosóficos na já citada atividade proposta. Ao final, concluímos que, ao adotarmos como procedimento avaliativo a produção de atividades artísticas como curtas-metragens, os estudantes podem compreender conteúdos filosóficos, aplicando-os em seu cotidiano, promovendo articulações entre arte e educação voltadas para um objetivo emancipatório.

Palavras-chave: Método socrático; Emancipatório; Arte; Educação; Esclarecimento.

ARTE E EMANCIPAÇÃO EM ADORNO

Luan Fernando Rosas Santos

Graduando em Filosofia (UNEB)

luanrosas8@gmail.com

UNEB

Ivana Libertadoira Borges Carneiro

Doutora em Educação (UFBA)

icarneiro@uneb.br

UNEB

Julice Oliveira Dias dos Santos

Mestre em Filosofia (UFBA)

jodsantos@uneb.br

UNEB

RESUMO: A concepção de arte em Theodor W. Adorno (1903-1969) é fruto da conjunção entre a vivência estética autônoma, o pensamento crítico e a ação livre. A arte produz discernimento, portanto corrobora para que o sujeito julgue e compreenda as múltiplas relações e contradições dos indivíduos entre si e com o mundo. Para Adorno, arte se opõe ao produto cultural, pois este é uma mercadoria criada para o consumo e fortalecimento do sistema de dominação próprio do Capitalismo, quer seja da era industrial (séculos XIX e XX), quer seja do que se designa no século XXI de Capitalismo de Plataforma. Se a arte liberta e emancipa, permitindo a construção de diferentes visões de mundo, o consumo de “mercadorias culturais” aliena e promove a uniformização do comportamento a partir da aceitação de padrão de gosto único. Apesar de considerar-se que esse também é um modelo de educação estética, conduz a atrofia da capacidade de julgamento e padronização da expressão e comportamento. O presente trabalho é fruto de pesquisa teórica em desenvolvimento que realiza investigação vertical dos escritos *A Indústria Cultural* (1947) de Theodor Adorno e Max Horkheimer, e *Educação e Emancipação* (1995). O objetivo principal do trabalho é avaliar o impacto da precarização da educação

estética com obras de arte com vista a formação de padrões de cultura civilizatória. Também avalia o impacto da indústria cultural na uniformidade da produção de bens culturais e consequente fortalecimento dos processos de opressão e dominação política. Os métodos escolhidos foram a hermenêutica e o diagnóstico. Elege-se como roteiro para exposição: análise das concepções de arte e produto cultural; a importância da arte para o exercício da cidadania; a relação entre arte, liberdade e autonomia; a confluência entre a educação estética baseada no consumo de produtos culturais e a formação política fundada na barbárie; e, avalia o impacto do imperativo, lazer-consumo-gozo-simulacro no Capitalismo de Plataforma. A pesquisa apresenta como resultado a contribuição da filosofia de Adorno para a compreensão da crise da cultura na atualidade. A pesquisa conclui que no século XXI há o fortalecimento da indústria cultural, compreendida como mecanismo integrado às tecnologias de poder e dominação política e econômica.

Palavras-chave: arte, emancipação, indústria cultural, opressão.

A DIMENSÃO ESTÉTICA DA ESCOLA DE FRANKFURT NA PERSPECTIVA DE ADORNO

Rodrigo Iturra Wolff

Mestrado em Filosofia - UFPB

Professor EBT - IFMA

RESUMO: Esta apresentação propõe estabelecer uma relação de diálogo entre a categoria de Emancipação e a Dialética do Esclarecimento na perspectiva da Teoria crítica da escola de Frankfurt, mediante o propósito de apresentar uma dimensão mais concreta, através da Teoria Estética de Adorno que apresenta a tese de Arte que, não seja, assimilável conceitualmente em seu caráter expressivo, e não esteja também comprometida com a racionalidade instrumental. Apresenta uma perspectiva dialética, capaz de ampliar os limites desta tradição para vislumbrar a unidade do potencial da categoria de Emancipação. É na multiplicidade de obstáculos que o projeto de Dialética do Esclarecimento alcança a depuração da categoria de Emancipação ao constatar o caráter repressivo da sociedade e mobiliza através da Arte uma postura eminentemente antagônica e autônoma em relação a sociedade administrada. Segundo Adorno a Arte só é interpretável pela lei de seu movimento, não por invariantes. O que a Arte imita não é a natureza, mas sim seu belo natural. A intenção de Adorno, a partir da teoria crítica da sociedade surge para encorajar uma teoria da sociedade existente considerada como um todo. Uma teoria que seja precisamente crítica, capaz de fazer emergir a contradição fundamental da sociedade tecnológica contemporânea. Desse modo a Escola de Frankfurt pretende ser uma compreensão totalizante e dialética da sociedade humana em seu conjunto e, para sermos mais exatos, dos mecanismos da sociedade industrial avançada, a fim de promover sua transformação racional que leve em conta no homem, sua liberdade, sua criatividade, seu desenvolvimento harmonioso em colaboração aberta e fecunda com os outros, ao invés de um sistema alienador que visa sua perpetuação sistêmica. Desse modo, a indústria cultural não vincula propriamente uma ideologia: ela própria é ideologia, a ideologia da aceitação dos fins estabelecidos por “outros”, isto

é, pelo sistema. Assim sendo Adorno enfatiza que para alcançar a sua funcionalidade, o “sistema”, que é a sociedade tecnológica contemporânea, entre os seus principais instrumentos, pôs em funcionamento poderosa máquina: a indústria cultural, constituída essencialmente pelo mass-média (cinema, televisão, rádio, discos, publicidade, retrogravura etc.). É com a mídia que o poder dominante impõe valores e modelos de comportamento, cria necessidades e estabelece a linguagem. E esses valores, necessidades, comportamentos e linguagem são uniformes porque devem alcançar a todos; são amorfos, assépticos; não emancipam, nem estimulam a criatividade; pelo contrário, bloqueiam-na, porque acostumam receber passivamente as mensagens. Portanto as produções desta “indústria cultural” introduzidas como mercadorias, aliadas ao espírito de concentração capitalista perseguem atitudes passivas de seus consumidores e, buscavam um “cidadão conformista” que não tenha nada em comum com o uso da razão, emancipação e da liberdade. A Arte, especialmente o cinema, se tornou mais a expressão da racionalidade técnica que instrumento de lazer.

Palavras-chave: Adorno; Indústria Cultural; Arte; Emancipação.

Área temática:
Arte, Filosofia e Educação Estética



“DE OUTROS ESPAÇOS”, O ESPAÇO URBANO EM BEBEL QUE A CIDADE COMEU, DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

Adriano Carvalho Viana

Doutorando em Estudos Literários – UNEMAT–

Bolsista CAPES; Mestre em Filosofia- UFMA

adriano.carvalho@unemat.br

Universidade do Estado do Mato Grosso

Walnice Mato Vilalva (Orientadora)

Doutora em Teoria Literária – UNICAMP com Pós-doutorado pela USP

walnicevilalva@unemat.br

Universidade do Estado do Mato Grosso

Rita de Cássia Oliveira

Doutora em Filosofia – PUC/SP, com Pós-doutorado pela UFPI

rc.oliveira@ufma.br

Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: A ênfase da nossa comunicação tem como pano de fundo o centro da cosmopolita cidade de São Paulo, ambientada na análise romanesca *Bebel que a cidade comeu* (2001), de Ignácio de Loyola Brandão (1936-atual), especificamente, o período dos anos 60, no auge da ditadura militar brasileira. É no viés da dicotomia entre o enredo e o espaço urbano que se configuram as experiências que são imersas do espaço e das suas modulações lineares. As relações da vida privada dos personagens e o espaço urbano que vemos o valhaçouto do espaço público. Essa pesquisa é de caráter interdisciplinar relacionando literatura e filosofia, especialmente, numa abordagem hermenêutica filosófica ricoeuriana. Como objetivos, apontamos o espaço do grande centro urbano da cidade de São Paulo e traçamos o confronto da cidade e do eu na dicotomia dos espaços e seus significados. O romance, *Bebel* apontará nos flashbacks e a sequência de

frases justapostas, a um “pertencimento das personagens Bernardo, Marcelo e Bebel que se ligam as suas existências como sujeitos históricos no mundo, mas engolidos por uma personagem principal que é a cidade num cenário urbano caótico e opressivo, ressalta Brandão: “odeia sua gente. Ela não se importa. Nem de onde vieram, nem para onde vão. Odeia, com a força de seu aço, cimento, asfalto, vidros, tijolos, trilhos, postes. Detesta cada humano que corre como o sangue por suas ruas-veias” (Brandão, 2001a, p. 372-373). Atua como um monstro voraz que destrói os idealistas. No *corpus* literário percebemos uma contradição, essas personagens não conseguem deixá-la, pois a cidade é o lugar que atrai, tornou-se um polo de atração e repúdio. DaMatta (1997, p. 19) ressalta “para que se possa “ver” e “sentir” o espaço, torna-se necessário situar-se. E nisso, alguns espaços urbanos são equacionados em suas atividades com rotinas e atividades específicas, como: não dormimos na rua, não fazemos amor nas varadas, não ficamos nus em públicos, não comemos com comensais desconhecidos, entre outros. Nessa gramática dos espaços, conforme DaMatta, Bebel então burlou a regra é tomou o primeiro porre de vinho no meio do cheio de urina podre em volta da rua. “Entrou por uma ruazinha que fedia a remédios (Brandão, 2001^a, p. 22). É desses e de outros espaços obsoletos que no romance despontam. Tomar uma cidade é pertencer a ela. Bebel e seus amigos tentam conciliar o percurso, na tarefa árdua de não ser daquele espaço (urbano), mas de outro (interiorano). Ressaltamos que se encontra em andamento a pesquisa de doutorado.

Palavras-chave: *Bebel que a cidade comeu*; Cidade; Espaço Urbano; Espaço Público.

O IMAGINÁRIO COMO VIA DE ACESSO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO: MEDIAÇÃO SIMBÓLICA ENTRE EXPERIÊNCIA E REFLEXÃO NO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Alexandre Jordão Baptista

Doutor em Filosofia – PUC/RIO
alexandre.jordao@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: O ensino de Filosofia na Educação Básica enfrenta o desafio de traduzir conceitos abstratos para uma linguagem que dialogue com a realidade dos estudantes, muitas vezes distante do discurso filosófico tradicional. Nesse cenário, o imaginário surge como uma ferramenta pedagógica fundamental, funcionando como uma ponte entre a experiência concreta dos alunos e a reflexão filosófica. Esta comunicação investiga como o imaginário — compreendido como um repertório de imagens, símbolos e narrativas — pode facilitar o acesso ao pensamento filosófico, tornando-o mais significativo para os jovens. Apoiando-se nas teorias de Paul Ricoeur (A Metáfora Viva), que destaca o poder da linguagem simbólica; Michel Maffesoli (O Tempo das Tribos), com sua análise do imaginário coletivo nas culturas juvenis; e Jean-Jacques Wunenburger (Filosofia das Imagens), que explora a dimensão cognitiva das imagens, busca-se demonstrar que metáforas, mitos e representações culturais podem ser dispositivos eficazes para aproximar os estudantes de problemas filosóficos. Parte-se da premissa de que o imaginário não se opõe à razão, mas é uma de suas expressões, especialmente em um contexto educacional marcado pela diversidade de experiências juvenis. Ao trabalhar com narrativas simbólicas e linguagem metafórica, o ensino de Filosofia pode tornar-se mais inclusivo, permitindo que os alunos reconheçam na disciplina um diálogo com suas próprias vivências e formas de pensar. Assim, o imaginário não apenas facilitaria a aprendizagem, mas também reforçaria o caráter transformador da reflexão filosófica.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; Imaginário; Simbolismo; Educação Básica.

A EDUCAÇÃO ESTÉTICA DO HOMEM: UM ENSAIO ESTÉTICO OU UM MANIFESTO POLÍTICO?

Bartolomeu dos Santos Costa

Graduado em Ciências Humanas-Sociologia - UFMA
tstbartolomeu@gmail.com
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

João Caetano Linhares

Doutor em Filosofia – UFSM
joao.caetano@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: Este artigo busca identificar e, de forma sucinta, discorrer sobre elementos que permitem apontar *A Educação Estética do Homem*, de Friedrich Schiller, para além de somente um ensaio sobre a *Estética*, mas também um manifesto político. Para esse objetivo, recorreu-se à revisão bibliográfica da própria obra citada acima: Schiller (2002), e outras como Barbosa (2004); Gadamer (1997); Gadamer (2002), bem como, a alguns artigos que tratam do tema em questão. À guisa de conclusão, a partir do pressuposto de que há a necessidade da contextualização histórica para a compreensão e interpretação de um texto, e do conceito de *Fusão de Horizontes*, de Gadamer, percebe-se que a obra enseja dar algumas respostas no sentido de resolver teoricamente os problemas políticos e sociais resultantes dos ideais iluministas e, por conseguinte, da *Revolução Francesa*. Desse modo, configurando-se, também, como um manifesto político do autor como resposta às suas insatisfações frente aos acontecimentos político-sociais do seu tempo.

Palavras-chave: Educação estética; Política; Schiller.

ANÁLISE DO ROMANCE *ESTIVE LÁ FORA*, DE RONALDO CORREIA DE BRITO, A PARTIR RELAÇÃO ENTRE AS NOÇÕES DE MEMÓRIA E IDENTIDADE EM PAUL RICOEUR E PARRESÍA EM MICHAEL FOUCAULT

Daniela Sousa da Rocha

Mestranda em Filosofia– UFPI

rochasousad@gmail.com

Universidade Federal do Piauí - UFPI

RESUMO: O estudo busca estabelecer uma relação entre as noções de Memória e Identidade desenvolvidas por Paul Ricoeur e o conceito de *parresía* em Michel Foucault, com uma análise do romance *Estive lá fora* (2012), de Ronaldo Correia de Brito. Para a noção de Identidade utilizamos como obra norteadora *O si-mesmo como outro* (2014), para a noção de Memória utilizamos a obra *A memória, a história, o esquecimento* (2007) e para a noção de *parresía* fizemos a leitura de *A Coragem da Verdade: O Governo de Si e dos Outros II* (2011). A memória é um elemento fundamental da identidade pessoal, sendo analisada em relação ao tempo e à narrativa. Ricoeur distingue entre identidade-idem (mesmidade) e identidade-ipse (ipseidade), destacando que a identidade é moldada pela interação com o outro. A memória é considerada tanto espontânea quanto buscada, e sua veracidade pode ser comprometida por interpretações subjetivas. A *parresía* é a prática da “fala franca”, ou seja, dizer a verdade com coragem, surgindo como um compromisso ético desde a Grécia Antiga até sua ressignificação na modernidade. Foucault explora a relação entre verdade, sujeito e poder, destacando a *parresía* como uma prática de autoconstituição e resistência. O protagonista do romance *Estive lá fora* Cirilo vive um conflito de identidade entre valores religiosos adquiridos e a realidade política do regime militar brasileiro. O estudo conclui que a memória e a identidade são elementos centrais na formação do sujeito, e a *parresía* atua como uma prática de enfrentamento e autenticidade. A

literatura, nesse sentido, pode ser vista como um meio parresiástico, revelando verdades sobre o ser humano por meio da narrativa.

Palavras-chave: *Parresía*; Memória; Identidade; Michel Foucault; Paul Ricoeur.

A MIMÉTICA EM FÍLON DE ALEXANDRIA

Danilo Pereira Farias

Mestrando em Filosofia - UFMA
danilo.farias@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Francisco Veriano Gomes de Oliveira

Mestrando em Filosofia - UFMA
veriano.francisco@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Deysielle Costa das Chagas

Doutora em Filosofia – PUC/RIO
deysielle.chagas@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: Este trabalho analisa a noção de mimese na filosofia de Fílon de Alexandria, com foco em suas implicações ontológicas e éticas. A pesquisa teórica se baseia principalmente na obra *De Vita Mosis* (A Vida de Moisés), explorando a figura do rei como modelo de justiça e virtude tanto terrena quanto divina. O objetivo é compreender como Filon interpreta o rei como a própria lei encarnada — um exemplo a ser imitado pelos súditos. A metodologia adotada envolve revisão bibliográfica e análise conceitual, com atenção especial à forma como Filon conceitua a lei e desenvolve sua teoria mimética. Os resultados indicam que, para Filon, o rei humano é um reflexo do rei divino, o que estabelece uma reciprocidade entre o cosmo e o humano. No entanto, quando o rei se afasta da virtude e se torna perverso, instaura-se um regime tirânico, mesmo que leis escritas existam, pois, a harmonia não depende da letra da lei, mas de sua incorporação pelo governante. Assim, a vida virtuosa, segundo Filon, é uma expressão de beleza e forma divina, digna de ser imitada. Conclui-se que, para o autor, a visão prevalece sobre a audição, e a beleza está ligada à harmonia entre o humano e o divino.

Palavras-chave: Fílon de Alexandria; Virtude; Rei; Lei.

MÍMESIS E A NECESSIDADE DE COMPREENSÃO DO CONCEITO PELO TEATRO NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE GREGA

Diêgo José da Silva

Mestrando em Filosofia – Universidade Federal do Maranhão
diego.jose@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Luís Inácio Oliveira Costa

Doutor em Filosofia - Unicamp
luis.inacio@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: Atualmente a *mímesis* é um conceito amplamente estudado a partir de diversas vertentes e ciências. O surgimento do conceito está fortemente atrelado a necessidades de compreensão de dimensões epistemológicas, educacionais, éticas, técnicas, sociológicas, antropológicas, artísticas e políticas, mas que sempre utilizaram de poesia, dramatização, roteirização e teatro como ferramentas para se chegar a um modelo prático se comparado com o modelo do imaginário. Na língua portuguesa foi amplamente traduzida como “imitação”, mas também com associações a palavras como: cópia e reprodução. Contudo, mediante a estudos da cultura e da gramática do grego antigo, optou-se por negar a tradução de *mímesis* por não haver em qualquer outra língua moderna uma palavra que se encaixe na compreensão ou de forma semelhante. A investigação proporcionou visualizar um desenvolvimento conceitual que parte tem recorte histórico e cultural e parte refere-se a poesia mitológica e ideias das filosofias da natureza dos pré-socráticos que serviram de ferramenta educacional para Platão e Aristóteles. Para Platão, a *mímesis* é o processo de “imitação” do mundo inteligível para o mundo sensível e que corrompe a ideia do modelo em si. Para Aristóteles, a *mímesis* é essencial para se chegar ao fim que se intenciona. Nesse sentido, no desenvolvimento humano, a *mimesis* é inerente à criança e ao conjunto social, por isso a necessidade de

investigação da temática nos atravessa várias dimensões, principalmente a filosófica e a artística.

Palavras-chave: *Mimesis*; Platão; Teatro; Aristóteles.

A ARQUITETURA DA IMAGEM: ARCHÉ E ARTE PRECÁRIA EM JEAN-MARIE SCHAEFFER

Ed Monteiro da Silva Neto

Graduando em Filosofia - UFMA
ed.monteiro@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Flávio Luiz de Castro Freitas

Doutor em Filosofia- UFSCar
flavio.luiz@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Yasmim Fernanda Silva Lobato

Graduanda em Filosofia - UFMA
yasmim.fernanda@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Lucas Costa da Silva

Graduando em Filosofia - UFMA
lucas.costa4@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: O presente trabalho é uma análise problematizadora da obra *A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico* (1987), de Jean-Marie Schaeffer. O objetivo central é explicar como a impressão se estabelece como a base fundamental da fotografia e definir o conceito de arte precária, conforme apresentado na obra. Isso será feito por meio da análise exegética dos conceitos apresentados pelo autor, que redefine o status ontológico da fotografia ao determinar a impressão fotônica ou luminosa como sua arché, seu fundamento primordial. O processo de leitura e interpretação buscou destacar que para Schaeffer, a fotografia não se resume a uma representação simbólica, mas a um processo físico-químico (seja na fotografia analógica ou digital, em sua forma contemporânea), que registra traços diretos do real, criando uma relação indexical entre imagem e referente. Além disso, o conceito de arte precária é discutido, especialmen-

te a associação dessa ideia com a fotografia, frequentemente vista como uma arte “menor”. Segundo Schaeffer, essa precariedade ocorre devido à dificuldade de encaixar a fotografia nos paradigmas estéticos tradicionais, além de estar ligada à contingência e ao caráter instável e imprevisível da formação da imagem. A obra revela como a fotografia funciona como um dispositivo capaz de capturar o transitório, criando uma tensão entre o desejo de permanência e a inevitável efemeridade das coisas.

Palavras-chave: Jean-Marie Schaeffer; Fotografia; Arte precária; Ontologia da imagem.

MORTE E ALTERIDADE NA OBRA *HUIS CLOS*: O EXISTENCIALISMO NO TEATRO FILOSÓFICO SARTRIANO

Ednan Galvão Santos

Mestre em Ciências Jurídico-Políticas – Universidade de Coimbra

professorednangalvaosantos@gmail.com

Professor de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

RESUMO: Jean-Paul Sartre (1905-1980), um dos principais nomes da filosofia contemporânea, dedicou-se, além dos trabalhos tipicamente filosóficos, a produzir obras literárias com conteúdo filosófico. *Huis Clos* (publicada no Brasil com o título *Entre Quatro Paredes*) integra o rol de obras do teatro filosófico sartriano. O tema da alteridade, que põe em análise a relação com o outro, tem lugar especial no existencialismo. Em seu *Opus magnum*, intitulada *O Ser e o Nada* (1943), Sartre aborda o problema da morte sob o olhar do outro nos seguintes termos: “a morte reduz o Para-si-para-outro ao estado de simples Para-outro”. E exemplifica: “Do ser de Pedro morto, hoje, sou o único responsável, na minha liberdade. E os mortos que não puderam ser salvos e transportados a bordo do passado concreto de um sobrevivente não são passados; eles e seus passados estão aniquilados”. Assim, “no momento da morte, somos, ou seja, somos sem defesa frente aos juízos do próximo”. Partindo de sua conhecida distinção ontológica entre “Em-si” e “Para-si”, Sartre expõe que “pela morte o Para-si se converte para sempre em Em-si, na medida em que deslizou integralmente no passado”. Notar-se-á a maneira como Sartre consegue expressar esses conceitos por via da linguagem teatral de *Huis Clos* (1944). No diálogo entre mortos, Estelle indaga a Garcin: “Que importa o que pensam de você? Um a um, todos hão de morrer”. Ao que Garcin responde: “Não, eles não me esquecem. Hão de morrer, mas outros virão para repetir a estória. Deixei minha vida em suas mãos (...). Que fazer? Antes eu agia...Ah, poder saltar entre eles, um dia só! Que golpe! Mas estou fora do jogo. Dão o baralho sem contar comigo. E têm razão, pois estou morto. Liquidado como um rato. Caí no domínio público”. Com efeito,

a peça *Huis Clos* revela a habilidade sartriana de transmitir ideias existencialistas através da dramaturgia, fortalecendo a vocação interdisciplinar do conhecimento filosófico.

Palavras-chave: Filosofia; Ontologia; Jean-Paul Sartre; Literatura.

O CONCEITO DE *MÍMESES* EM PLATÃO E ARISTÓTELES

Ellen Karine Melo Rocha

Graduanda em Filosofia - UFMA
ellen.karine@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Yasmim Costa Cabral

Graduanda em Filosofia - UFMA
yc.cabral@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Danielton Campos Melonio

Doutor em Filosofia - UERJ
danielton.melonio@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: De maneira geral, a *mimesis* refere-se à imitação ou representação da realidade por meio das diversas formas de expressão artística. Para alguns teóricos, a arte que cumpre sua função mimética busca reproduzir fielmente a realidade, imitando a vida e a natureza. Nessa perspectiva, a arte é considerada uma testemunha da complexidade do real e uma das mais poderosas formas de expressão humana, capaz de materializar crenças, convicções e ideologias. Além disso, a arte influencia a formação da consciência e da opinião, podendo tanto esclarecer quanto obscurecer percepções. Partindo dessa abordagem, o presente artigo tem como objetivo explicitar o conceito de *mimesis* a partir de duas concepções estéticas distintas, protagonizadas por Platão e Aristóteles, cujas divergências sobre o tema marcaram profundamente a filosofia da arte. Para isso, foi realizada uma pesquisa de revisão bibliográfica em teses, dissertações e artigos que analisam as concepções antagônicas desses filósofos. Inicialmente, o trabalho expõe as diferentes interpretações da atividade mimética, abordando o percurso do banimento dos artistas na República platônica e, posteriormente, a revalorização da *mimesis* como representação em Aristóteles.

Enquanto Platão a considerava uma forma de alienação e distanciamento da verdade, Aristóteles propõe uma visão oposta, na qual a mimesis não apenas imita o real, mas também o ressignifica, proporcionando um intercâmbio no qual o artista tem o poder de acrescentar algo à experiência humana.

Palavras-chave: *Mimesis*; Platão; Aristóteles; Estética.

CONCEPÇÕES E METODOLOGIAS DE ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NOS SÉCULOS XX E XXI

Ester Oliveira de Queiroz

Graduanda em Pedagogia - CCIM/UFMA

ester.oq@discente.ufma.br

Universidade Federal do Maranhão

Nertan Dias Silva Maia

Doutor em Filosofia - PPGFIL/UERJ

nertan.dias@ufma.br

Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: Este estudo faz parte de um Projeto de Iniciação Científica PIBIC/UFMA/CNPq e discorre sobre as principais concepções de ensino de Arte na educação brasileira e seus fundamentos filosóficos, estéticos e metodológicos entre os séculos XX e XXI. Trata-se de uma pesquisa de Estado da Arte, com recorte temporal de 1990 e 2024, cujas fontes foram coletadas em bancos de teses e dissertações, bibliotecas virtuais, acervos físicos e nas bases de dados SciELO e CAPES Periódicos, com os seguintes descritores e palavras-chave: “Arte/Educação”, “Metodologias de ensino de arte”, “Teorias do ensino da arte”, “Concepções filosóficas do ensino de arte”, “História da educação brasileira”. O objetivo central do trabalho consistiu em investigar os princípios filosóficos e metodológicos das principais concepções de ensino de Arte na educação brasileira no período indicado, a fim de mapear estas influências filosóficas e identificar os pressupostos metodológicos destas concepções de ensino, visando compreender suas aplicações práticas no contexto educacional. A pesquisa fundamentou-se em autores referenciais da Arte/Educação no Brasil, como João-Francisco Duarte Júnior (2006), Maria Heloísa Ferraz e Maria Felisminda de Rezende Fusari (2001, 2019), Rosa Iavelberg (2003) e Ana Mae Barbosa (1978, 2005, 2008, 2009), além de autores do campo filosófico, cujas teorias influenciaram as concepções e metodologias do ensino de Arte no Brasil, tais como John Dewey, Herbert Read, Viktor

Lowenfeld, Artus-Perrelet. Os resultados da pesquisa, revelaram que algumas concepções e metodologias consolidadas ao longo do tempo ainda permeiam o contexto educacional do século XXI, sendo combinadas pelos professores em suas práticas educativas, como é o caso da Pedagogia Tradicional, que valoriza a cópia fiel de modelos neoclássicos e a Pedagogia Renovada, que substitui a cópia pela livre expressão. Constatou-se, ainda, que entre as concepções vigentes no período pós-modernista estão a Proposta Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa nos anos 1980, que consiste na tríade fazer artístico, leitura de imagem e contextualização; a Cultura Visual, que trabalha elementos para além das obras de arte, considerando “artefatos visuais” e culturais; a Estética do Cotidiano, que busca reavaliar a relação hierárquica entre arte erudita e arte popular; a A/R/Tografia - que integra pesquisas baseadas em artes, relatos de vida, histórias de vida de professores, arte na comunidade e História da arte.

Palavras-chave: concepções de ensino de Arte; metodologias do ensino de arte; educação brasileira; Arte/Educação.

A POSSIBILIDADE DE UMA RETÓRICA FILOSÓFICA COMO *TÉCHNE* EM PLATÃO

Felipe Gustavo dos Santos Cabral

Graduando em Filosofia - UFMA
felipe.cabral@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Alexandre Jordão Baptista

Doutorado em Filosofia - PUC RIO
alexandre.jordao@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: A discussão concernente a retórica é presente desde a antiguidade grega e seu fervor se dá no embate entre Sócrates e os sofistas, isto pelo facto dos sofistas utilizarem-se da retórica para produzir persuasão [*pheitó*] a favor de seus próprios interesses mediante um discurso e a esta prática o filósofo denominará de adulação [*kolakeia*] e não de arte [*téchne*] (463c) como queria o sofista Górgias. A natureza deste trabalho é de uma revisão bibliográfica de alguns diálogos platônicos, sobretudo: o *Górgias* e o *Fedro*. Ademais, tem por objetivo um desdobramento sobre a possibilidade de uma retórica filosófica configurar-se como arte tendo em vista o carácter dúplice da retórica, segundo Platão: “(...) uma parte dela seria adulação e oratória pública vergonhosa, ao passo que outra seria bela” (503b). Servindo-se das caracterizações feitas sobre a arte dos discursos nos diálogos supracitados, obteve-se por resultado: o exercício da retórica filosófica, isto é, da dialética socrática sendo a verdadeira arte dos discursos pelo fato de conduzir as almas [*psykhagôgia*] para uma vida de temperança e não de comprazimento. Para demonstrar este fim, segue-se uma caracterização da retórica sofística e a crítica feita por Platão; bem como o que determina que uma atividade seja definida como *téchne*; e como a dialética socrática é a verdadeira arte de discursar.

Palavras-chave: Platão; Discurso; *Téchne*; Retórica.

ARTE E MODERNIDADE: O DEBATE DE HABERMAS COM ADORNO

Jefferson Nascimento Muniz

Mestrando Em Filosofia
jefferson.muniz@estudante.unespar.edu.br
UNESPAR – União de Vitória

Stela Maris da Silva

Doutora – Universidade Estadual do Paraná -Curso Bach. Dan
stela.silva@ies.unespar.edu.br
Campus Curitiba II/PROF-FILO Campus União da Vitória

RESUMO: Este trabalho discute a relação entre arte, modernidade e racionalidade a partir da perspectiva de Jürgen Habermas, especialmente em diálogo com Theodor Adorno. Trata-se de pesquisa teórico filosófica, cujo objetivo é demonstrar como a estética habermasiana reafirma a importância da arte na esfera pública, não como um substituto para o debate racional, mas como um elemento essencial para a formação de uma sociedade crítica e reflexiva. É uma pesquisa em curso que passa pela análise da tradição crítica da Escola de Frankfurt, e mostra a arte na sociedade moderna, tal como defende o seu herdeiro, como processo inacabado com papel fundamental na esfera pública e no discurso racional. Discute a modernidade fragmentou o conhecimento em três esferas autônomas: ciência (voltada para a verdade), moral (voltada para a justiça) e arte (voltada para a expressão estética e autenticidade). Na Teoria da Ação Comunicativa (1981), ele enfatiza a importância da arte como meio de comunicação capaz de gerar diálogos sobre valores e experiências humanas. No entanto, alerta para o risco da mercantilização da arte, que pode esvaziar seu potencial crítico e transformá-la em mero produto de consumo. O autor também critica o esteticismo e certas correntes pós-modernas, como as de Jean-François Lyotard, argumentando que a ênfase excessiva na subjetividade e na fragmentação cultural pode enfraquecer a razão crítica. Em sua visão, a arte deve permanecer inserida em um contexto comunicativo e social mais amplo, contribuindo para o projeto moderno de emancipação

e racionalidade. O pensamento de Habermas se coloca, portanto, como um contraponto ao pessimismo de Adorno e ao relativismo pós-moderno, reforçando a necessidade de um engajamento artístico que promova a comunicação e a transformação social. Os resultados ainda estão apenas apontados, mas espera-se contribuir para o debate atual da arte no contexto das mídias.

Palavras-chave: Estética; Habermas; Escola de Frankfurt; Modernidade; Esfera pública.

ANÁLISE CRÍTICA DA ARTE-EDUCAÇÃO A PARTIR DA OBRA *ESTÉTICA* DE GEORG LUKÁCS

Jefferson Nogueira Lopes

Mestre em Educação e Ensino – MAIE/UECE

jeffnogueira23@gmail.com

Doutorando em Educação - PPGE/UECE

Lúcia Helena de Brito

Doutora em Sociologia – PPGS/UFC

lhelena.brito@uece.br

Professora da Universidade Estadual do Ceará – UECE e do PPGEEN/UECE

RESUMO: A Arte-Educação é uma proposta pedagógica direcionada para o ensino de Artes. Sua divulgação se deu, sobretudo, a partir dos debates iniciados pela pesquisadora Ana Mae Barbosa, em meados das décadas de 1980 e 1990, ganhando força no cenário pedagógico brasileiro. Essa autora, influenciada pela obra do pensador norte-americano John Dewey, adaptou propostas e metodologias de ensino disseminadas nos Estados Unidos (EUA) para sua abordagem educativa, que ficou conhecida como Abordagem Triangular (AT). A AT compartimenta o ensino/aprendizagem da arte em três eixos: o fazer artístico (criação), a leitura da imagem/obra de arte e a contextualização histórica da arte. No presente texto temos por objetivo analisar criticamente a abordagem pedagógica da Arte-Educação (AE). Para tal empreitada nos valeremos de reflexões do filósofo marxista Georg Lukács presentes na sua obra *Estética: A particularidade do Estético*. Nesse livro o filósofo húngaro promove um debate de caráter materialista e ontológico em torno do fenômeno estético, buscando mitigar análises idealistas em torno da arte. Também aponta a especificidade e importância da reverberação da obra artística na formação humana. Nosso trabalho apresenta caráter teórico-bibliográfico, amparado em escritos marxistas e em autores dedicados a examinar as contradições do fenômeno educativo no contexto capitalista. Como método investigativo, utilizaremos o materialismo histórico-dialético, buscando captar aspectos ontológicos do

objeto em estudo. Na análise em torno da AE é possível identificar traços idealistas e pós-modernos em suas proposições pedagógicas. O multiculturalismo e o relativismo cultural defendido por Ana Mae Barbosa coadunam nesta direção. Consideramos que essa proposta pode contribuir, inadvertidamente, para propagar, no âmbito da formação de professores e da educação escolar, um ensino de Artes fragmentado, relativista e predominantemente subjetivo. Embora a arte seja, conforme Lukács, um reflexo antropomórfico da realidade, o ensino é uma dinâmica que demanda um grau de desantropomorfização da realidade, inclusive no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Artes. Sendo a formação estética um processo, defendemos um ensino de Artes (nas escolas, universidades ou em outros espaços educativos) que se direcione para o desenvolvimento das capacidades estéticas (criativas e fruídas) de professores e alunos. Apesar das dificuldades de efetivação desse processo, não podemos nos abster de captar possibilidades qualitativas por meio da educação escolar e universitária. A busca pela catarse não pode ser negligenciada no processo de ensino-aprendizagem. Conforme Lukács o processo catártico decorrente da vivência estética contribui para que o indivíduo encare o devir da humanidade, gerando, assim, um processo educativo fundamental.

Palavras-chave: Arte; Educação; Estética; Lukács.

O SURREALISMO COMO INOPEROSIDADE NA ESTÉTICA DE AGAMBEN

João Emanuel Alves Marques

Graduando em Filosofia- UFMA
joao.eam@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Luís Hernán Uribe Miranda

Doutorado em Filosofia - Università Degli Studi di Torino, Itália
luis.uribe@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: A pesquisa, de natureza bibliográfica, tem como objetivo investigar o conceito de inoperosidade, formulado por Giorgio Agamben, e sua articulação com as práticas estéticas do movimento surrealista. A inoperosidade é compreendida como a suspensão das finalidades utilitárias da práxis e da poiésis, desativando as funções convencionais da ação e da produção na modernidade. Ao invés de entender a arte como produto finalizado e funcional, Agamben propõe uma arte inoperosa, aberta ao possível, ao sensível e ao gratuito. O Surrealismo, embora anterior às formulações do filósofo, é interpretado como uma expressão estética dessa inoperosidade, ao romper com a lógica racional e produtivista da arte moderna. Técnicas como o automatismo psíquico, a escrita automática e os “cadavres exquis” demonstram a busca por suspender os mecanismos tradicionais de criação e permitir a emergência do inconsciente e do desejo. Artistas como Breton, Dalí, Magritte e Miró construíram uma estética marcada pela subversão da funcionalidade, aproximando-se da ideia agambeniana de uma arte desativada quanto aos seus fins. A metodologia da pesquisa consiste em análise hermenêutica de textos fundamentais de Agamben — *A Comunidade que Vem* e *O Reino e a Glória* — e em revisão crítica dos principais manifestos e obras surrealistas, com o intuito de demonstrar como esses dois campos convergem. Os resultados indicam que tanto Agamben quanto o Surrealismo propõem uma crítica à instru-

mentalização da arte e da vida, apresentando a inoperosidade como gesto de resistência estética e política frente à lógica neoliberal, ao controle algorítmico e à cultura do desempenho. Ao revisitar o Surrealismo à luz da inoperosidade, a pesquisa revela caminhos possíveis para a reinvenção da arte e da existência, destacando o potencial criativo do inútil, do sensível e do imprevisível na construção de formas de vida alternativas àquelas determinadas pela produtividade e pelo consumo. Conclui-se que a inoperosidade não representa um esvaziamento da prática artística ou da ação, mas sim uma abertura ao não-determinado, um espaço de possibilidade em que a arte resiste às normas impostas pela lógica mercantil. Assim, a pesquisa contribui para o debate contemporâneo sobre o papel da arte, apontando para sua capacidade de desativar os imperativos funcionais que caracterizam a modernidade tardia e, ao mesmo tempo, instaurar modos de existência onde a contemplação, o desejo e o sensível possam emergir como forças transformadoras.

Palavras-chave: Inoperosidade; Surrealismo; Agamben; Arte.

ESTÉTICA PÓS-MODERNA E POSSIBILIDADES EDUCATIVAS: REFLEXÕES A PARTIR DO PENSAMENTO ESTÉTICO DE GIANNI VATTIMO

Jocilene Mary Furtado Lima da Silva

Mestranda em Filosofia - Universidade Federal do Maranhão

jml.silva@ufma.br

Universidade Federal do Maranhão

Luis Hernan Uribe Miranda

Doutor em Filosofia - Università degli Studi di Torino

luis.uribe@ufma.br

Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: O presente trabalho apresenta como tema as possibilidades educativas da estética pós-moderna, partindo da interpretação de Gianni Vattimo sobre a concepção heideggeriana de arte como “pôr-em-obra” da verdade, que engloba a afirmação de que a experiência com a arte realmente muda a visão de mundo e instaura novos paradigmas para quem a vivencia (Vattimo, 2019, p. 126). Trata-se de uma pesquisa teórica baseada na filosofia vattimiana e em trabalhos teóricos sobre a educação estética. O objetivo consiste em examinar como a interpretação de Vattimo sobre a teoria heideggeriana de arte pode ser relacionada à concepção de aprendizagem pela experiência estética. A metodologia de pesquisa teve como procedimento o levantamento das fontes bibliográficas, para embasamento teórico na forma de uma revisão de literatura, com análise da filosofia de Vattimo e das publicações acadêmicas e obras na área de educação estética e educação informal, incluindo também obras de Walter Benjamin e Luigi Pareyson pertinentes ao assunto. O roteiro da pesquisa apresenta conceitos da filosofia de Vattimo sobre a concepção heideggeriana de arte, características da arte pós-moderna, discussão sobre a educação estética, abordagem da educação informal, discussão sobre a mudança no elemento fundacional da arte e reflexões sobre o potencial educativo da arte pós-moderna. Os resultados alcançados demonstram que para Va-

ttimo o contato com a arte proporciona sempre algum tipo de “revolução”, mudando a visão de mundo ou instaurando novos paradigmas em seu espectador. Na concepção heideggeriana de arte como pôr-em-obra da verdade, interpretada por Vattimo, a verdade não deve ser entendida como um núcleo metafísico, algo estável a ser descoberto, mas como um evento que ocorre na arte, considerando-se duas dimensões da obra: a fundação de um mundo e a produção da terra. A arte pós-moderna encontra-se difundida em diferentes suportes e ambientes cotidianos (como em meio digital), evidenciando que o fenômeno estético “assumiu na vida de todos um peso infinitamente maior do que em qualquer outra época do passado” (Vattimo, 2007, p. 44). No tocante às possibilidades educativas, os resultados demonstram que educação pela experiência estética amplia a sensibilidade e a percepção que a pessoa tem de si mesma e da realidade ao seu redor. E que a educação informal consiste no “processo realizado ao longo da vida em que cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio – na família, no trabalho, no lazer e nas diversas mídias de massa” (Marandino, 2008, p. 13). No âmbito da educação informal, situa-se também a autoaprendizagem. A conclusão do trabalho evidencia a possibilidade de autoaprendizagem pela arte, tanto na dimensão sensível como intelectual, pois ao mesmo tempo que desperta a sensibilidade humana para a vida e para o mundo, pode suscitar em seu espectador reflexões e questionamentos sobre sua realidade. Assim, a experiência estética pós-moderna apresenta potencial para ampliar a visão de mundo, constituindo-se em elemento de aprendizagem ao proporcionar, num exercício ao mesmo tempo intelectual e sensível, o acesso a novos paradigmas, veiculados por uma abertura da verdade que ocorre na arte.

Palavras-chave: Estética; Educação; Vattimo; Pós-modernidade.

ESTADO DA ARTE SOBRE O ENSINO ARTÍSTICO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: 1996-2024

Layla Cristine Leal Nascimento

Graduanda em Pedagogia - CCIM/UFMA
layla.cristine@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Nertan Dias Silva Maia

Doutor em Filosofia - PPGFIL/UERJ
nertan.dias@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: Neste artigo será possível conferir o quadro atual das produções acadêmicas sobre as principais concepções e metodologias de ensino de Arte na pesquisa educacional brasileira, especialmente após a promulgação da LDB N° 9.394/96. Refere-se, portanto, a um trabalho oriundo de uma pesquisa teórica que tem como principal premissa uma revisão de literatura com fontes bibliográficas selecionadas e catalogadas de diretórios e principais acervos físicos/online que versam sobre o tema em pauta, cujo corte temporal delimita-se entre os anos de 1996 a 2024. Em linhas gerais, objetiva-se a construção de um Estado da Arte do ensino artístico desde a homologação da referida lei até os dias atuais, visando destacar as principais teses, dissertações e artigos publicados no país que abordam as concepções e metodologias deste tipo de ensino. O que se propõe vai além da mera identificação, o intuito é mapear os avanços e os retrocessos presentes nas práticas de ensino artístico e os desafios que permeiam enfatizando as contribuições para o aprimoramento do ensino de arte na contemporaneidade. À vista disso, a pesquisa foi realizada em plataformas virtuais como: Google Scholar, SciELO e Portal de Periódicos da CAPES, contendo, ainda, como aporte a Proposta Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa, baseada nas ideias de John Dewey, Elliot Eisner e Paulo Freire, que promove uma aprendizagem de modo transdisciplinar, integrando no processo de ensino a produção (fazer artístico), a contextualização histórica, interpretação, apreciação e conhecimentos estéticos

da obra. Os resultados obtidos evidenciam que o ensino de Arte no Brasil encontra-se pouco explorado e, apesar dos avanços ocorridos com a lei, o cenário atual exige maiores discussões e fomento, sendo este um dos principais motivos para a elaboração de tal trabalho.

Palavras-chave: Ensino artístico; Estado da Arte; Educação brasileira; LDB.

POTENCIAIS EPISTÊMICOS NA ARTE LITERÁRIA À LUZ DO COGNITIVISMO ESTÉTICO

Leandro Moreto da Rosa

Mestrando em Processos e Manifestações
Culturais - Universidade Feevale - bolsa PROSUC/CAPES.
Graduado em Letras - Universidade Feevale - e em Filosofia - Universidade Unisinos
leandro.moreto@gmail.com
Universidade Feevale

Ernani Mügge

Doutor em Letras - UFRGS, pós-doutorado
(PNPD-CAPES) em Cultura e Literatura - Universidade Feevale
ernani@feevale.br
Universidade Feevale

RESUMO: É lugar comum nos estudos literários a ideia de que a palavra poética proporciona experiências estéticas distintas, emocional e intelectualmente. Não raras as vezes encontram-se relatos de leituras das quais o receptor, a despeito da ficcionalidade das narrativas, acredita ter adquirido novos conhecimentos sobre si mesmo e a realidade circundante. Em vista disso, o presente trabalho investiga a natureza epistêmica do fazer literário, norteado pelo objetivo principal de analisar se e em que medida a literatura pode ser considerada uma fonte de conhecimento e como essa possibilidade impacta sua aplicação em contextos educativos. A pesquisa está situada em debates contemporâneos em torno do cognitivismo estético com abordagem analítica. Para tanto, a metodologia adotada é qualitativa, de cunho bibliográfico e revisionista, centralizada em autores como Peter Lamarque, John Gibson, Gordon Graham e John Searle. Parte-se da identificação do problema a partir da análise de algumas intuições que orbitam o contato com artefatos estéticos, para, na sequência, analisar algumas implicações epistêmicas à luz do esclarecimento de conceitos-chave que orbitam as discussões. Para instanciar o debate teórico e demonstrar que a questão se estende para além de uma aporia puramente intelectual, coloca-se em pauta a política de remição de pena por leitura, promulgada,

no Brasil, em 2012. Justifica-se, assim, o trabalho pela possível contribuição em desmitificar reações não pacifistas e contrárias à implementação da leitura no cárcere, em razão, sobretudo, de suspeitas que repousam sobre a dimensão ficcional da arte literária. Como resultados, destaca-se que a apreciação de textos narrativos pode proporcionar formas distintas de conhecimento, embora não nos moldes tradicionais das disciplinas científicas, como esperam alguns cognitivistas, o que reforça a premissa de inseri-la em contextos desafiadores por meio de políticas públicas. Conclui-se que o reconhecimento de potenciais cognitivos da literatura não apenas reitera sua relevância cultural, como, também, legitima sua aplicação intramuros, na medida em que confere maior densidade teórica a práticas que, embora recentes, podem ressoar na vida dos indivíduos envolvidos ao atender à necessidade estética da psique humana. Constata-se, ainda, a continuidade necessária na investigação sob lentes interdisciplinares, de modo que se coloque em evidência a figura ativa do leitor no processo hermenêutico do jogo do texto.

Palavras-chave: Cognitivismo estético; Conhecimento; Literatura; Educação literária.

A DISPUTA DA EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS NA REFORMA DO ENSINO MÉDIO: QUESTÕES SOBRE A CONCEPÇÃO DE CRIATIVIDADE

Lícia Cristina Araújo da Hora

Doutora em Educação - Unesp

liciadahora@ifma.edu.br

IFMA

RESUMO: Argumentamos neste trabalho a necessidade de realizarmos a disputa da educação dos sentidos ou não se produz a possibilidade de humanização, uma vez que a arte também é objeto de instrumentalização da indústria capitalista. Utilizamos nesta pesquisa análise de conteúdos de documentos que nortearam a reforma do Novo Ensino Médio, mais especificamente o caso dos Institutos Federais, abordando teoricamente o estudo com ênfase em Gramsci (2024), Lukács (2023) e Marx (2004). Busca-se compreender a concepção de criatividade presente na Reforma do Novo Ensino Médio. O projeto escolar conservador neoliberal por meio da reforma do Novo Ensino Médio travou embates diretos com o campo das ciências humanas, o ensino de Arte esteve no centro desta disputa. Compreendemos que a dimensão estética não se reduz à Arte, ela está interligada na formação do indivíduo e nas objetivações do gênero humano – como a ciência, a filosofia, a literatura e a política. A redução dos conhecimentos das ciências humanas nos currículos dos Institutos Federais e a adoção de conteúdos que reforçam a ideologia empreendedora nas escolas constituiu-se uma lógica irracional e anti-humanista, no entanto, extremamente racional para os propósitos do capital. A lógica irracionalista e anticientífica priva as futuras gerações de oportunidades de acesso as objetificações genéricas, como ciência, arte e filosofia que garantem saltos no desenvolvimento humano e na capacidade de operar reflexões sobre a realidade social, cultural e histórica, e sobre as relações sociais de produção, as relações éticas e estéticas. Além disto, é pelo pensamento por conceitos, próprio da fase da adolescência, que se forma a concepção de mundo. O projeto de vida da contrarreforma do ensino

médio busca fortalecer a concepção de mundo capitalista. Eleutério dos Anjos (2015) destaca a adolescência como um período privilegiado na vida humana para que se alcance “o processo consciente a vida cotidiana e uma relação cada vez mais consciente com as objetivações genéricas para-si”. A concepção de criatividade em evidência no projeto da reforma do Novo Ensino Médio é um atalho retórico para desenvolver a capacidade empreendedora e a capacidade inovadora, mas na verdade produz o seu contrário, a perda gradual das capacidades intelectuais e sensitivas dos adolescentes. A ciência e a arte cumprem papel importante na construção da consciência em confronto com sua própria humanidade, sem perder de vista o sujeito como ser histórico. Para Marx (2004), o processo de objetivação do homem, sua explicitação como ser social, ocorre mediante a afirmação da totalidade das faculdades humanas. Segundo ele, o modo peculiar da objetivação humana se constitui em toda parte no conjunto das forças essenciais humanas (todos os sentidos). Lukács (2023) destaca na obra *A peculiaridade do estético* a preponderância da ciência e da arte como expressões de reflexos que conectam os sujeitos ao mundo objetivo, eles possibilitam a construção dos sistemas de mediação que potencializam os indivíduos a compreenderem e intervirem na realidade. Lukács considera a arte uma das objetivações mais elevadas do gênero humano, ao lado da ciência e da filosofia.

Palavras-chave: Reforma do Ensino Médio; Dimensão estética; Institutos Federais.

PINHOLE E EDUCAÇÃO ESTÉTICA: DO COMO AO POR QUÊ?

Lucas Viana Silva

Mestre em Filosofia - UFPI
lucas_viana_silva@hotmail.com
Sesc/FACMA

Carlos Eduardo Cordeiro

Bacharel em Fotografia - Centro Universitário Senac/SENAC-SP
eduardo.cordeiro@ifma.edu.br
IFMA - Campus Centro Histórico

RESUMO: O presente trabalho consiste numa reflexão estético-filosófica, a partir de revisão bibliográfica, bem como da técnica de fotografia pinhole, à luz do pensamento de Friedrich Schiller sobre a educação estética, como proposta metodológica para se pensar a educação básica e seu papel na formação integral do ser humano. O objetivo principal é apresentar a técnica de fotografia pinhole como potencializadora do processo de aprendizagem à luz da perspectiva de uma educação estética em Friedrich Schiller. Trata da ideia do “fazer” fotografia na distinção entre o analógico e o digital e o papel do sujeito nesse processo. Discute o aspecto lúdico da fotografia a partir da perspectiva da ilusão da imagem no desenvolvimento histórico da fotografia. O “aprender como” aliado à ideia de técnica moderna, unida à perspectiva estética do fazer fotografia, mostra a fotografia pinhole como instigante proposta metodológica para uma educação estética sob o impulso lúdico, seguindo a proposta de Schiller para uma formação integral do ser humano, considerando seus aspectos formais e material. A proposta de uma educação estética, mediada pelo uso da fotografia pinhole como prática, mostra a necessidade de se pensar a educação básica para além de processos cujos resultados sejam mensuráveis, quantificáveis ao final de uma curta etapa, para pensar, também, uma formação humana que considere o ser humano em sua pluridimensionalidade.

Palavras-chave: fotografia; pinhole; educação estética; impulso lúdico; beleza; formação humana.

DA METAFÍSICA DA ARTE PARA A ARTE COMO ACONTECIMENTO HISTÓRICO EM HEIDEGGER E VATTIMO

Luís Filipe da Conceição Araújo

Graduação - Universidade Federal do Maranhão
luis.fca@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Luís Hernán Uribe Miranda

Doutorado - Università degli Studi di Torino
luis.uribe@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: O presente trabalho versa acerca do pensamento estético elaborado por Martin Heidegger e os seus desdobramentos na filosofia do italiano Gianni Vattimo. A pesquisa teórica tem como objetivo apresentar a crítica ao caráter metafísico da estética, realizada por Heidegger e Vattimo, e a passagem para se pensar a Arte como acontecimento histórico. O procedimento se deu, principalmente, pela análise e compreensão dos textos *A Origem da Obra de Arte*, de Heidegger e *O Fim da Modernidade*, de Vattimo. Primeiramente, apresentaremos a reflexão heideggeriana sobre a estética e a sua concepção da obra de arte como *pôr-em-obra da verdade*; em um segundo momento, a concepção de Vattimo da Arte como um acontecimento histórico; por fim, a mudança de perspectiva da metafísica na estética para a ontologia. Sendo assim, após esse percurso teórico, chegamos à conclusão da possibilidade de pensar a Arte contemporaneamente não mais numa abordagem metafísica, mas sim como fruto de um contexto histórico e do seu caráter eminentemente político.

Palavras-chave: Estética; Arte; Heidegger; Vattimo.

ARTE E MORALIDADE NA ESTÉTICA DE SCHILLER

Matheus Bahia Lindoso

Mestrando em Filosofia - UFMA
matheuslindoso042@gmail.com
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Luís Inácio Oliveira Costa

Doutor em Filosofia
luis.inacio@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: A empreitada de Schiller em torno dos temas da arte e moralidade é transversal à sua vida. Desde a produção da sua primeira obra teatral, *Os Bândoleiros*, até a confecção dos seus estudos estéticos, a exemplo de *Cartas sobre a Educação Estética do Homem*, há um empenho na reflexão do autor às temáticas em vista de sua tentativa de pensar uma possível relação entre o âmbito artístico e as questões morais que se fazem presentes em seu tempo. A temática em debate é uma tentativa teórica de discussão de dois elementos, que embora de atmosferas distintas, encontram na estética de Schiller uma possível conciliação. Tal conciliação é um esforço do poeta alemão na concepção de uma forma transformadora do espírito humano. Entendo a arte enquanto um meio a esse fim, de libertar o homem das limitações da natureza e as restrições da razão, para Schiller ela se apresenta enquanto um elemento capaz de guiar moralmente os indivíduos. Para o entendimento da proposta do trabalho, será feita a fundamentação segundo a pesquisa teórica, em que se analisará as ideias do autor em torno das questões referentes à arte e à moralidade. Dessa maneira, pretende-se mostrar que a abordagem de problemas estéticos por Schiller atravessam pontos substanciais da realidade humana, isto é, os de inserir nas transformações sociais do seu tempo as reflexões e ensinamentos advindos da arte. Assim, discutir arte e moralidade em seu pensamento diz respeito à intenção de mostrar em que horizonte de sentido é compreensível uma fundamentação teórica que conceba os elementos artísticos e suas possíveis contribuições na mudança de caráter dos indivíduos, ou me-

lhor, como, a partir da arte, Schiller pensa na possibilidade de um homem cultivado segundo os critérios que se encontram na formulação do seu pensamento estético. Em função desses apontamentos, primeiramente se abordará a tentativa de Schiller de estabelecer uma teoria do belo que tem seu primeiro esboço em *Kallias ou sobre a Beleza* e, em seguida, como essa teoria está direcionada, ou preocupada, em se relacionar com os problemas morais do homem moderno na visão do poeta alemão, como se pode ler em trechos de cartas endereçadas ao seu mecenas de Augustenburg. Com a discussão do produto de seu pensamento, tem-se um apanhado teórico que, muito embora incorpore um idealismo de sua época, fornece-nos um aparato no campo das ideias de uma tentativa indispensável da reflexão filosófica acerca de elementos que se relacionam e contribuem singularmente no modo de conceber o homem e sua relação com a arte. Este trabalho pretende mostrar a importância estético-social que Schiller buscou atribuir às questões que circundam a arte e sua relevância diante das transformações culturais percebidas por ele.

Palavras-chave: Arte; Moralidade; Estética; Humanidade.

NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS COMO EDUCAÇÃO ESTÉTICA E EMANCIPAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DA CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO “TÓREU – VOU FALAR DE NOVO SÓ PRA VOCÊ NÃO ESQUECER”

Matheus Giannini Caldas Dantas

Doutorando em Artes Cênicas/UFBA;
Mestre em Artes Cênicas e Licenciado em Teatro - UFRN
matheusdaheja@hotmail.com
Professor de Arte SEEC-RN

RESUMO: Este trabalho propõe uma reflexão sobre a importância da educação estética como meio de formação dos sujeitos para a liberdade, a partir da criação do espetáculo “TÓREU – Vou falar de novo só pra você não esquecer”. Partindo do entendimento de Theodor Adorno (1970), de que a arte carrega uma força crítica capaz de resistir à reificação da vida social, o espetáculo “TÓREU” afirma-se como um gesto de preservação da memória e da experiência sensível em tempos de apagamento cultural. “TÓREU” nasce da força simbólica da palavra homônima, típica do Povoador Santo Antônio da Cobra, em Parelhas/RN, que significa revisitar, recontar, relemburar. A partir da montagem de narrativas (auto)biográficas dos artistas locais, o espetáculo, que entrelaça teatro, música, dança e oralidade, dá forma às memórias, lendas, cantigas e costumes do Seridó potiguar. Neste processo, a educação estética é compreendida como prática de liberdade, em diálogo com as concepções de Paulo Freire (1968), que reconhece nos saberes populares fontes legítimas de conhecimento e emancipação. Assim como Freire defende que a educação deve partir da realidade concreta dos sujeitos para transformá-la, “TÓREU” utiliza as histórias de vida como matéria criativa e pedagógica, resgatando aquilo que precisa ser dito para não ser esquecido. A prática artística torna-se, assim, ato de resistência e de construção coletiva de identidade, desenvolvendo a capacidade crítica e sensível dos envolvidos. O recurso às narrativas (auto)biográficas no processo de criação conecta-se ao conceito de

“pacto autobiográfico”, de Philippe Lejeune (1975), segundo o qual o relato da própria experiência estabelece um compromisso de autenticidade com o público. Em “TÓREU”, cada narrativa apresentada mostra a força de uma existência que se reafirma contra o esquecimento e a despersonalização. Por meio desta abordagem estética e pedagógica, o espetáculo confirma que a formação para a sensibilidade — muitas vezes vista como desnecessária — é, na verdade, fundamental para a construção de sujeitos autônomos, críticos e conscientes de seu lugar no mundo. Em tempos de cultura de massa e homogeneização das experiências, como alerta Adorno, torna-se urgente criar espaços de resistência estética que valorizem as singularidades e as narrativas de vida como práticas de liberdade. Desse modo, “TÓREU” demonstra, na prática, que arte e educação estética são inseparáveis da luta por emancipação social e cultural, sendo imprescindíveis para a constituição de uma sociedade mais humana e plural.

Palavras-chave: Narrativas (auto)biográficas; Educação Estética; Emancipação; Cultura popular.

O USO DAS OBRAS DE ARTE NO ENSINO DE FILOSOFIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS DISSERTAÇÕES APRESENTADAS NO PROF-FILO DURANTE O QUADRIÊNIO 2017-2020

Paulo Cesar Jakimiu Sabino

Doutor em Filosofia – Universidade Federal do Paraná

pcjsabino1@yahoo.com.br

UFRB/UFABC

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo realizar uma discussão sobre o uso das obras de arte no ensino de filosofia, analisando em especial os dados obtidos na pesquisa em andamento vinculada ao estágio de pós-doutoramento na Universidade Federal do ABC. Trata-se de uma pesquisa teórica cuja finalidade foi: (i) realizar um levantamento das dissertações defendidas no PROF-FILO durante o quadriênio 2017-2020 e que versavam sobre a relação entre Estética e Filosofia da Arte com o Ensino de Filosofia; (ii) classificar as dissertações em categorias úteis para a análise posterior que é, a saber; (iii) investigar os dados a partir das tendências que relacionam Arte e Verdade na história da filosofia estabelecidas pelo filósofo francês Alain Badiou no livro *Pequeno manual de inestética*. A pesquisa foi realizada a partir da análise das dissertações do PROF-FILO disponíveis em bibliotecas digitais e também na biblioteca da CAPES. Segue-se, portanto, uma apresentação dos dados, uma discussão teórica a partir de Alain Badiou e perspectivas futuras que podem ser estabelecidas pela pesquisa. Até o momento, a pesquisa indica que há uma forte influência da tendência que Badiou denomina “didática” e que consiste em submeter a arte ao pensamento filosófico, torando-a uma forma de representação imagética do conceito filosófico, tendo em vista tornar as aulas de filosofia mais dinâmicas e atrativas ao público jovem – pautando-se nos argumentos apresentados no livro *Metodologias do ensino de filosofia* de Silvio Gallo. Dessa forma, esperamos contribuir para pensar o ensino de filosofia, uma área ainda em crescimento no Brasil, mas que vem se mostrando fundamental na formação de professores da disciplina.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; Estética; Educação; Alain Badiou.

A *BILDUNG* EM TRÊS MOMENTOS: GOETHE, SCHILLER E WILHELM VON HUMBOLDT

Renato Costa Leandro

Doutorando e Mestre em Filosofia
Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)
renatoleandro@usp.br
USP/FAPESP

RESUMO: A noção de formação ocupou um espaço notório na reflexão filosófica da segunda metade do século XVIII, sobretudo na Alemanha. Sua pluralidade de sentidos é visível não apenas nos diferentes significantes e acepções semânticas associadas à ideia no idioma alemão – *Bildung*, *Erziehung*, *Entwicklung*, *Kultur* etc. –, mas, principalmente, na maneira como os autores buscaram refletir sobre seus alcances e limites, cada qual ancorado em perspectivas teóricas e campos do saber particulares, que vão desde as ciências da natureza até a antropologia e a estética. No centro desse debate situa-se o diálogo epistolar, iniciado em 1796, entre Goethe, Schiller e Wilhelm von Humboldt, sobre os sentidos do romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* – ou seja, nos momentos derradeiros da composição da obra e imediatamente após a publicação de *A educação estética do homem*, de Schiller. O presente trabalho buscará apresentar os contornos desse caso estético-crítico, a fim de expor as diferentes posturas interpretativas relativas ao romance e seus respectivos parâmetros de análise, fundamentados nas modulações que a ideia de formação admite no pensamento de cada um dos autores. Para isso, será traçado um panorama histórico-interpretativo do “caso *Meister*”, com base nos motivos subjacentes ao romance, em trechos significativos da correspondência privada, bem como em fundamentos teóricos dispersos ao longo da obra dos três interlocutores. Alcançar-se-á, por fim, não apenas um quadro dos sentidos da *Bildung* em Goethe, Schiller e W. von Humboldt, com suas afinidades e divergências, mas também uma compreensão das especificidades filosóficas que fazem do *Meister* um caso paradigmático no âmbito da estética moderna alemã.

Palavras-chave: Goethe; Schiller; Wilhelm von Humboldt; *Bildung*.

A FICÇÃO FILOSÓFICA DE VILÉM FLUSSER: UMA LEITURA DO *VAMPYROTEUTHIS INFERNALIS*

Vinícius Pereira Bezerra

Doutor em Filosofia – Universidade Federal do Ceará - UFC

vpbezerra@gmail.com

Instituto Federal do Maranhão - IFMA

RESUMO: O presente trabalho busca realizar uma aproximação analítica acerca da ficção filosófica de Vilém Flusser (1920-1991), filósofo tcheco-brasileiro, no seu romance *Vampyroteuthis Infernalis*. Trata-se de um trabalho de natureza teórica, em diálogo com a bibliografia pertinente em língua portuguesa (Gustavo Bernardo, Marcos Beccari, Rodrigo Duarte, Alcebiades Miguel). Intencionamos pôr em evidência a intersecção entre literatura, ciência e filosofia na fábula flusseriana (método), bem como coligir o problema e o sentido de sua ontologia vampyrotêuthica como “dialética inerente da espiralidade” e o seu correspondente jogo de espelhamento retorcido na relação antitética com o ser humano. Foi adotado o método da leitura imanente da versão da obra em língua portuguesa, redigida pelo próprio autor, para além do original em alemão, publicado em 1987. Argumento que o recurso de reversão comparativa radical em perspectiva desantropomorfizadora com a lula-vampira-do-inferno, a um só tempo, releva os limites do humano tanto quanto lhe abre potências de experiência vária de ser em novas formas porvir e por descobrir.

Palavras-chave: Vilém Flusser; Ficção filosófica; *Vampyroteuthis Infernalis*;

A ARTE COMO EXPERIÊNCIA DE COMPREENSÃO E DECLARAÇÃO DE VERDADE EM GADAMER

Wenderson Carlos dos Anjos Azevedo

Mestrando em Filosofia – Universidade Federal do Maranhão
wenderson.asevedo@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Almir Ferreira da Silva Júnior

Doutor em Filosofia - Universidade de São Paulo
almir.silva@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: A análise da compreensão, da estética e da arte adquire uma relevância bastante particular na *Opus magnum* de Gadamer, *Verdade e Método* (*Wahrheit und Methode*), publicada em 1960 — tanto pela função que desempenha como ponto inicial da argumentação desenvolvida na obra, quanto pelo valor paradigmático que assume enquanto forma de vivência hermenêutica da verdade. Na reflexão estético-hermenêutica de Gadamer, “a arte é declarativa”, portanto, o objetivo deste trabalho é analisar como a arte, na concepção hermenêutica do filósofo, constitui uma experiência de compreensão e de declaração de verdade, superando a estética subjetiva. Para tanto, se recorre como bibliografia primária às obras *Verdade e Método* (1960) e *Estética y Hermenêutica* (1968). Parte-se das reflexões estéticas gadameriana, segundo as quais a manifestação do fenômeno artístico se define essencialmente por sua força declarativa, na qual a arte é declaração (*Aussage*) e o fato de nos comunicar algo a insere no domínio daquilo que deve ser compreendido. Nesse sentido, Gadamer rejeita a estética subjetiva moderna e propõe uma experiência artística baseada na compreensão (*Verstehen*) e na verdade (*Aletheia*), em que a verdade seja manifestada de modo não reduzível ao método e a critérios científicos ou subjetivos, mas como uma experiência (*Erfahrung*) ontológica no encontro com a obra. A experiência hermenêutica da arte é compreendida como uma vivência ontológica da finitude, estruturada pelas categorias de

jogo, símbolo e festa, as quais desvelam sua essência e modo de existência. Assim, conclui-se que, para Gadamer, a arte participa da verdade não como um enunciado proposicional, isto é, como representação mental ou linguística, mas como evento de manifestação — um acontecer (*Ereignis*) hermenêutico em que o sentido se revela no e pelo ato da compreensão. A arte se afirma, portanto, como paradigma de uma verdade que é vivida, interpretada e compartilhada, estabelecendo uma ontologia da compreensão ancorada na finitude e na historicidade constitutivas da experiência hermenêutica.

Palavras-chave: Compreensão; Hermenêutica da arte; Experiência estética; Verdade.

O CRITÉRIO OBJETIVO DO BELO SEGUNDO SCHILLER

Yasmim Costa Cabral

Graduanda em Filosofia - UFMA
yc.cabral@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Danielton Campos Melonio

Doutor em Filosofia - UERJ
danielton.melonio@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: Diante dos variados temas que surgiram no século XVIII o problema relacionado a estética ganhou destaque nesse período; duas posições divergentes tornam-se protagonista no debate sobre a beleza na estética setecentista: uma corrente é orientada por ideais racionalistas de sua época - estética clássica e a outra baseia-se em vertente subjetivista da experiência estética, a corrente subjetivista da estética. Nesse contexto, um filósofo alemão reflete sobre o conceito do Belo partindo dos seus antecessores, e contra os próprios, vai em busca do fundamento objetivo do Belo, a saber, Friedrich Schiller. Diante dessa perspectiva, o presente trabalho visa investigar a teoria estética de Schiller com foco na fundamentação objetiva do Belo e sua influência na resolução do problema do fundamento último do saber e da razão. Para realizar essa tarefa se fundamenta na leitura das seguintes obras do filósofo *A Educação Estética do Homem*, *Kallias ou Sobre a Beleza*, bem como se apoia nos comentários dos professores Nertan Dias Silva Maia em sua tese de doutorado defendida no PPGFIL da UERJ e Ricardo Barbosa, em seu livro *Limites do Belo*. Vale ressaltar que esta pesquisa é fruto do desenvolvimento do plano de trabalho que desenvolvo junto ao projeto de pesquisa “O FUNDAMENTO SUBJETIVO E/OU OBJETIVO DO BELO SEGUNDO KANT E SCHILLER: um estudo comparativo”, financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFMA. A coleta de dados por meio da técnica da pesquisa bibliográfica tem contribuído para a compreensão das visões

divergentes apresentadas sobre o belo entre os filósofos da época, visando compreender de que forma Schiller, para resolver o problema político do homem, se baseia em sua proposta de educação estética e no estabelecimento de um estado racional, a partir da valorização do gosto e das artes belas como elemento fulcral da cultura estética.

Palavras-chave: Estética; Belo; Schiller; Cultura.

A QUANTAS ANDA O ENSINO DE ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL NO ESTADO DO MARANHÃO?

Zilda dos Santos Rodrigues

Mestranda em Educação - PPGEPE/UFMA

zildasantod24@gmail.com

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Nertan Dias Silva Maia

Doutor em Filosofia - PPGFIL/UERJ

nertan.dias@ufma.br

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo elaborar um estado da arte sobre o ensino de Arte no Ensino Fundamental no Estado do Maranhão. Trata-se de um tema de grande relevância, pois se reconhece que a arte no ambiente escolar incentiva a interação social, sendo essencial para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento dos alunos. Além disso, a Arte é um componente curricular obrigatório previsto na Lei de *Diretrizes de Bases da Educação Nacional*, Lei nº 9.394/96. Inicialmente, foi realizado um levantamento no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, utilizando os descritores: “ensino de arte” AND “Estado do Maranhão”, “arte e educação”, “ensino de arte na educação básica” AND “Estado do Maranhão”. A partir daí, foram selecionadas nove dissertações que dialogam com o objeto do estudo, abrangendo música, dança, teatro e as artes visuais. Estes trabalhos destacam, de um modo geral, a contribuição da arte para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos. Ademais, enfatizam a importância das expressões artísticas no processo de ensino, para que se promova uma aprendizagem mais contextualizada e alinhada às demandas contemporâneas da educação. Os estudos também discutem os desafios enfrentados pelos professores de Arte na Educação Básica, como a falta de infraestrutura adequada, escassez de materiais didáticos e carência de formação continuada de qualidade. Os trabalhos analisados na pesquisa

permitiram uma compreensão mais aprofundada do ensino artístico nas escolas de Ensino Fundamental no Estado do Maranhão, com destaque para as práticas pedagógicas e as políticas públicas voltadas para a valorização do componente curricular Arte. Ressalta-se ainda, nos trabalhos consultados, a baixa carga horária destinada à disciplina de Arte, o que limita as possibilidades de explorar e aprofundar seus conteúdos específicos; além da inadequação de metodologias de ensino artístico, que se mostraram incompatíveis com as concepções teóricas e as necessidades dos alunos, comprometendo a aprendizagem artística na escola. Outro fator preocupante citado nos trabalhos foi a insuficiência de recursos didático-pedagógicos e artísticos nas escolas, bem como a carência de professores especialistas na área, algo que impede o desenvolvimento das competências artísticas dos estudantes. Diante disso, evidenciou-se a necessidade de mais pesquisas na área da Arte/Educação para uma melhor compreensão da função da Arte nas escolas de Ensino Fundamental maranhenses. Destaca-se também a urgência de contextualização histórica e social mediante abordagens multi, inter e pluricultural no ensino artístico, um aspecto frequentemente negligenciado, porém essencial para a valorização dessa área no ambiente escolar. Apontam-se, por fim, como desafio recorrente, a necessária e urgente implementação de um ensino de Arte de qualidade nas escolas maranhenses de um modo geral.

Palavras-chave: Ensino de arte; Arte e educação; Educação básica; Estado do Maranhão.

Área temática:
Estética Alemã dos
Séculos XVIII e XIX: Kant,
Schiller e o Romantismo Alemão



SCHILLER E KANT: A RAZÃO E O SENSÍVEL

Alcione Santos de Sousa

Mestre em Estética, Ética e Filosofia Política - Universidade Federal do Pará

alcione.santossousa1@gmail.com

Professora EBTB do IFMA - Campus São João dos Patos

RESUMO: Trata-se de uma pesquisa realizada no programa de pós-graduação de mestrado em Filosofia da UFPA entre 2018 e 2020. A nossa intenção era investigar como Schiller, um dramaturgo alemão, após os estudos que realizara sobre os escritos de Kant, procurou dar conta de um dos mais audaciosos projetos na área da estética, que é, sem dúvida, *A Educação de Estética do Homem* (1795). Ora, ao que parece, Schiller não tinha pretensão de abalar ou quem sabe desafiar o império da razão que se entende de Platão, Aristóteles até Kant. Pois, como notamos, no *Kallias* nosso poeta compreendia muito bem os domínios que separam a razão do sensível. Porém, para nós, Schiller tinha como empreendimento provar a existência de uma certa compatibilidade ou quem sabe uma complementariedade entre esses dois domínios, a razão e o sensível ou talvez a moral e a estética. Despertado pela *Crítica da faculdade de julgar* (1790) de Kant, Schiller apresenta em *Kallias ou sobre a beleza* (1793) um princípio objetivo para o Belo - “a beleza como liberdade no fenômeno”, que de modo geral, distingue sua filosofia das concepções de Platão e Kant sobre a questão da arte, e de alguma forma o distancia, também, da *Poética* de Aristóteles, uma das maiores referências ao *Classicismo de Weimar*. A verdade filosófica de Schiller, embora este se coloque mais como um crítico das artes, está em entender o “estágio estético, como um nível que nossa condição humana deve alcançar pela harmonia de forças antagônicas. A ideia de que “o homem só é pleno quando joga”, remete à concepção de uma natureza mista, razão e o sensível. *A educação estética do homem* (1795). Uma verdade frente à tradição filosófica que impactaria na defesa de uma harmonia do homem moderno reconciliado com sua natureza “mista”; mostrando um caminho independente frente à *Crítica da faculdade de julgar* de Kant, que, certamente o distanciava da tradição filosófica, ligando-o aos gregos, quando naquele momento o homem parecia encontra-se *reconciliado* com

a natureza. Ora, talvez, tão especulativo quanto Kant, nos aspectos teóricos, ele encontra no sistema kantiano uma fundamentação *objetiva* para o Belo, o que o autor da terceira *Crítica* não admitiria.

Palavras-chave: Estética. A razão e o sensível. Compatibilidade ou complementariedade.

A TEORIA DO BELO KANTIANA

Alinne Cardoso Cruz

Graduanda em Filosofia - UFMA
alinne.cc@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Danielton Campos Melonio

Doutor de Filosofia - UFMA
danielton.melonio@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: Este artigo trata da Teoria do belo kantiana (ou simplesmente “Estética kantiana”), exposta na terceira crítica de Immanuel Kant, a Crítica da Faculdade de Julgar, publicada pela primeira vez em 1790. Nessa obra, Kant procura discutir o conceito de juízo estético. Com isso, é proposto pelo filósofo uma “Analítica do Belo”. Kant, em sua teoria estética, propõe certos critérios necessários a fim de que o julgamento do belo (ou gosto) seja feito de maneira pura. Deste modo, ele analisa o juízo estético em quatro momentos lógicos: I) a qualidade, II) a quantidade, III) a relação e IV) a modalidade. É importante pontuar, que esse juízo estético é sempre subjetivo, pois é livre de conceitos, e é desinteressado, tendo em vista, que, segundo Kant, todo interesse corrompe a apreciação do objeto belo. Dito isso, este trabalho propõe-se analisar de forma breve e esclarecedora os principais fundamentos teóricos da estética kantiana, principalmente o modo como Kant confere a esse juízo uma certa universalidade.

Palavras-chave: Belo; Estética kantiana; Juízo estético; Immanuel Kant.

A CRÍTICA DE SCHILLER À MODERNIDADE E O MODELO GREGO DE BELEZA

Bartolomeu dos Santos Costa

Graduado em Ciências Humanas-Sociologia - UFMA
tstbartolomeu@gmail.com
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

João Caetano Linhares

Doutor em Filosofia – UFSM
joao.caetano@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: O filósofo alemão Friedrich Schiller, em sua obra: *Sobre a Educação Estética do Homem*, oferece uma análise sobre a condição humana durante a crise social e política de sua época, marcada pelo Iluminismo e pela Revolução Francesa. Nas suas cartas, Schiller apresenta uma crítica incisiva à modernidade marcada por um racionalismo excessivo que, segundo ele, fragmentou e deteriorou o caráter humano, afastando-o da sua essência natural e harmoniosa. A partir dessa crítica, ele propõe a estética como um caminho viável para superar os problemas políticos e sociais, defendendo que a educação estética, por meio da arte, poderia restaurar a unidade entre razão e sentimento, essencial para a formação de uma humanidade completa. Schiller, influenciado pela cultura da Grécia Antiga, enxerga nesse modelo clássico um ideal de beleza e harmonia que deveria guiar a modernidade, em contraste com a fragmentação e alienação presentes em sua época. Nesse sentido, o presente artigo, busca examinar a crítica de Schiller à modernidade e sua proposta de imitação do modelo grego de beleza como um dos elementos de sua estética que contribuiria para a restauração do homem da degeneração política e moral de sua época e o levaria de volta à sua plenitude enquanto ser humano. Recorreu-se, para esse objetivo, à análise bibliográfica de autores como Schiller (2009); Schiller (2002); Barbosa (2009); Barbosa (2004); Winckelmann (1975); Herder (1959), entre outros que tratam do tema em questão. À guisa de conclusão, a análise revelou que a filosofia estética de Schiller traz uma

visão rica e complexa para lidar com os problemas da modernidade. Ele acredita que uma verdadeira transformação começa dentro de cada indivíduo, promovendo uma transformação completa do ser humano. Para Schiller, a arte e a estética devem estar no centro das discussões políticas, éticas e educacionais, pois a verdadeira liberdade só é possível quando conseguimos equilibrar razão, emoção e imaginação. Seu pensamento permanece atual, mostrando como a estética pode nos ajudar a formar pessoas mais plenas humanamente falando e a enfrentar os desafios da contemporaneidade.

Palavras-chave: Schiller; Educação Estética; Modernidade; Grécia Antiga; Beleza.

SOBRE O DIRECIONAMENTO DO SIGNIFICADO DE SÍMBOLO PARA O ESTÉTICO EM SCHILLER

Lavinia Neves Moreno Silva

Mestranda em Filosofia – PPGFIL/UFMA

Licenciada em Filosofia - UFMA

lavinia.moreno@discente.ufma.br

Professora - EDUC-MA

Almir Ferreira da Silva Júnior

Mestre e Doutor em Filosofia - USP

almir.silva@discente.ufma.br

Professor do Mestrado Acadêmico de Filosofia – DEFIL/UFMA

RESUMO: Este artigo busca investigar as correspondências de Friedrich Schiller a seus amigos, enfatizando o significado de símbolo e seu direcionamento para o estético. O estudo explica, a partir das correspondências de Schiller suas considerações sobre símbolo. O artigo explora como Schiller redefiniu conceitos filosóficos tradicionais, oferecendo uma nova perspectiva sobre a definição de símbolo dentro do campo estético e na experiência da arte. Tal abordagem oferece uma visão sobre as contribuições de Schiller para a filosofia estética, sublinhando sua influência na maneira pela qual percebemos e interpretamos simbolicamente. O objetivo geral é proporcionar um melhor entendimento na temática, que convergiu de símbolo para estético e reelaborou um outro paradigma de teoria estética. O problema inicia por uma indagação de Gadamer sobre o conceito de símbolo em Schiller que vai além do estabelecido no kantismo. A especificidade é concentrada no foco da interpretação das correspondências trocadas entre Schiller e seus amigos, sobretudo entre ele e Goethe. A hipótese da pesquisa volta-se para o esclarecimento da relação aproximada e ou divergente entre alegoria, símbolo e este com o estético nas cartas. A investigação do problema da percepção sentimental em Schiller surge como um importante ponto de partida para compreensão das interseções entre filosofia e estética. Schiller, ao conectar sentimento e arte, propõe uma reflexão inovadora sobre o valor dos símbolos estéticos e seu impacto

na experiência subjetiva do observador fornecendo uma nova estrutura para pensar a liberdade e a moralidade na filosofia. Assim, o artigo visa estabelecer, não apenas a revisita da contribuição de Schiller para o idealismo alemão, mas também destacar sua relevância para a análise de como as relações simbólicas podem influenciar na percepção humana e o entendimento. Além disso, o estudo de como Schiller realiza o deslocamento do significado do símbolo em direção ao estético é crucial para aprofundar nossa compreensão do papel das emoções na filosofia.

Palavras-chave: filosofia estética; percepção; alegoria e símbolo.

ENTRE O PRAZER E A DOR: A CONTRIBUIÇÃO DO BELO E DO SUBLIME PARA A ESTÉTICA E A FILOSOFIA DA ARTE

Rayane Dutra de Araujo

Ciências Humanas-Sociologia
rayane.dutra@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Tedson Mayckell Braga Teixeira

Docente do Curso de Ciências Humanas-Sociologia
tedson.braga@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: A Estética apresentada pelo moderno Immanuel Kant propôs uma nova visão com relação às experiências sobre o belo e o sublime deslocando a análise desta para além da esfera científica, isto é, segundo Kant tal experiências não são resumidas apenas de apreciação das formas quando são encontradas na natureza, mas vão além: a sensibilidade do juízo do gosto, ambas experiências estéticas estão correlacionadas a uma harmonia entre as faculdades da imaginação, sensibilidade, entendimento e razão. Tendo como objetivo geral este trabalho busca analisar a contribuição dos conceitos de belo e sublime na estética kantiana, destacando sua importância para a experiência estética e sua influência na filosofia da arte. Portanto o belo é uma liberdade estética que evoca ao sujeito um prazer desinteressado pela conformidade das formas dos objetos da natureza, sendo por consequência uma experiência de harmonia entre as faculdades da imaginação e do entendimento. Em contrapartida o Sublime nos apresenta face a face como algo que é incomensurável, esmagadora ou de grandeza extrema, no momento que apreciamos a ele vivenciamos a experiência da dor e prazer dessa forma não está propriamente nas coisas, mas na maneira do sujeito reagir a certos objetos ou situações que desafiam o seu entendimento ou apreensão. Sendo assim, essa nova concepção da Estética arcou um incremento ao campo do Arte ao engendrar um novo

olhar em relação a Estética Romântica, Idealista, e até mesmo para a produção de obras de arte.

Palavras-chave: Belo; Sublime; Estética; Experiência.

A BELEZA ADERENTE DO CONSUMO: UMA ANÁLISE KANTIANA DA ESTÉTICA NA SOCIEDADE DA IMAGEM

Vanessa Cristina da Costa Botelho

Graduanda em Filosofia - UFMA
vanessacostabotelho1@gmail.com
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Danielton Campos Melonio

Doutor em Filosofia - UERJ
danielton.melonio@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: Este artigo pretende analisar a experiência estética na contemporaneidade, sendo esta, marcada pela centralidade da imagem e pela normatização do belo. Para esta investigação, tomou-se por base o §16 da *Crítica da faculdade do juízo* de Immanuel Kant. Trata-se de uma pesquisa teórica que articula a filosofia kantiana a uma crítica da cultura visual contemporânea. Objetiva-se investigar como a distinção entre beleza livre (*pulchritudo vaga*) e beleza aderente (*pulchritudo adhaerens*) pode elucidar o esvaziamento da experiência estética na sociedade da imagem. A metodologia combina análise filosófica do texto kantiano com revisão bibliográfica sistemática de autores como Guy Debord (2003), Byung-Chul Han (2016) e Jean Baudrillard (2009). O roteiro divide-se em quatro etapas: contextualização do tema; exposição dos conceitos kantianos; análise da cultura imagética atual; e discussão sobre os efeitos da estetização funcional. Como resultados, demonstra-se que a lógica contemporânea da imagem subordina o belo a fins instrumentais, limitando a autonomia do juízo estético. Conclui-se que a noção kantiana de beleza livre oferece bases para resistir à mercantilização da experiência visual, reafirmando a potência formativa do gosto desinteressado.

Palavras-chave: Beleza Livre; Beleza Aderente; Sociedade da Imagem; Immanuel Kant.

Área temática:
Fundamentos Filosóficos da Música



INFLUÊNCIAS DO *STURM UND DRANG* EM MÚSICAS DA LEGIÃO URBANA

Cleyton de Sousa Braga

Mestre - UEMA e UFMA
amadeusa.10@hotmail.com
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: A música é uma forma de arte. Esta é uma criação humana, que possui valores estéticos (como beleza, harmonia, equilíbrio) e que sintetiza suas emoções, sua história, seus sentimentos, sua cultura. A música está ligada também à poesia. Esta tem o caráter que toca nossas percepções, nossa sensibilidade. E o movimento do *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), precursor do Romantismo, surgido na Alemanha na segunda metade do século XVIII, enfatizava todo esse subjetivismo. Ele representou uma ruptura com as convenções clássicas, destacando-se também pela rebeldia contra as normas sociais opressivas. A exaltação do individual passava então a ser retratada em um conflito interior entre a paixão e a razão. Diante disso, este trabalho pretende explorar, a partir de uma revisão bibliográfica, a relação entre as ideias do *Sturm und Drang* – expressão máxima do Romantismo Alemão – e a produção musical da banda Legião Urbana. Nosso objetivo, portanto, é analisar, através de uma abordagem comparativa, como que o legado filosófico-literário desse movimento ressoa, de forma adaptada, ao contexto das composições da banda. Temáticas recorrentes, como a melancolia, a exaltação do indivíduo sensível e do amor romântico, o questionamento existencial e a insatisfação com normas sociais, que estão presentes em autores como Goethe e Schiller, são pontos de confluência entre esses universos culturais aparentemente distantes. Eles que serão tomados como destaque na leitura, buscando alcançar um diálogo atemporal entre a filosofia, a literatura e a música. Destacamos ainda que o nosso referencial teórico estará fundamentado nas leituras sobre o Romantismo Alemão, com: Antlser; Reale (2005); Carpeaux (2013); Guinsburg (2002); Rosenfeld (1993); Theodor (1980); e sobre a banda Legião Urbana, com: Assad (2000); Dapieve (2006); Fuscaldó (2016).

Palavras-chave: *Sturm und Drang*; Romantismo; Legião Urbana; Música.

TEORIA CRÍTICA E FEMINISMO EM SUSAN MCCLARY A PARTIR DO PENS DE ADORNO: ESTRUTURA E SIGNIFICADO NA OBRA MUSICAL

Marlon Santos Trindade

Doutorando em Musicologia- UFPB;
Mestre em Estética e Filosofia da Arte- UFOP
Graduado em Filosofia- UFMG
mar3santos@yahoo.com.br
UFPB - PPGM

Rainer Câmara Patriota

Doutor em Filosofia - UFMG
rainerpatriota@gmail.com
Professor de História, Estética e Fenomenologia da Música - UFPB

RESUMO: Essa comunicação tem como objetivo mostrar como a filosofia da música de Adorno vai influenciar a musicologia de Susan McClary e de toda ‘Nova Musicologia’. A natureza deste trabalho é uma pesquisa teórica. As análises imanentes de Adorno se conjugam com sua filosofia, segundo a qual o material musical é interpretado sob o signo do “espírito sedimentado”, ou seja, os aspectos estruturais de uma obra musical em última instância expressam a sociedade e seus conflitos. Eis o teor de verdade da obra. McClary desenvolve análises musicais procurando articular os aspectos formais das obras com o conteúdo de dimensão social, em especial aqueles aspectos relacionados com as questões de gênero, sexualidade e feminilidade. Uma grande corrente da musicologia dos dias atuais é a da semiótica da música. Esta tem por objetivo justamente desenvolver análises de obras musicais que consigam discutir a estrutura, esclarecer aspectos técnicos estruturais, mas pensar de que forma essas estruturas produzem sentido e dialogam com a realidade humana, social, cultural. A musicóloga e filósofa da música Susan McClary, em *Feminine Endings Music, Gender, and Sexuality* (2002), analisa ‘O Castelo de Barba Azul’, ópera de Bartók. Nela, Judith, esposa de Barba Azul, foi permitida a abrir as seis portas de seu castelo, mas proibida de abrir a sétima. Ela, após abrir

as seis portas, abre a sétima porta proibida do castelo de barba azul, lá ela descobre o sangue de anteriores mulheres dele que também abriram seus segredos, lá ela descobre suas fraquezas. Por isso, Barba a expulsa para a escuridão. Assim McClary vê a mulher na musicologia, como quem adentrou nos segredos do paternalismo, e os desmitificou. Assim ela se sente no universo da musicologia ao fazer novos tipos de perguntas sobre música com a ajuda da teoria crítica feminina. Ela vê a crítica feminista como a chave para a porta proibida. O que está por detrás dessa última sétima porta? Lá estava todo o legado de um repertório musical de todo o mundo, de grande sofisticação formal e de grande beleza. A pergunta proibida é: o que todo esse magnífico repertório significa? Ela propõe um ir além do estruturalismo. Ela deveria se contentar com a análise formal, estrutural. A disciplina musicologia era dominada pelos homens, tais obstáculos eram institucionais. Portanto a crítica musical feminista surge como um abrir a sétima porta, que proíbe a análise imanente, de ver o espírito sedimentado, onde se encontra a luta feminina. Depois desse breve percurso, coloca-se a seguinte questão: qual a importância da obra de Adorno para o campo musicológico nos dias de hoje? Existe uma musicologia nessa produção adorniana que mereça ser retomada para o debate da nova musicologia? De que forma a sua obra se insere dentro da tradição musicológica?

Palavras-chave: Nova musicologia; Espírito sedimentado; Estruturalismo; Interpretação.

ESTÉTICA E ÉTICA NA FILOSOFIA DA MÚSICA

Renato de Moraes Martins

Mestre em Música
mrenatomartins76@gmail.com

RESUMO: “Uma música ruim para a alma é pior do que droga, qualquer droga. A pior droga para a alma é a música ruim” (Hermeto Pascoal). Neste trabalho, partimos da citação feita pelo instrumentista, compositor e arranjador Hermeto Pascoal para promover uma discussão sobre os fundamentos filosóficos da música como a natureza, o valor e o sentido que a música e as práticas musicais obtiveram em cada período ao longo da história da música ocidental. Também se analisa a relação com o conjunto de princípios e valores que orientaram o comportamento humano na busca pela melhor forma de se viver. Este trabalho foi estruturado por meio de uma revisão teórica baseada nas principais correntes filosóficas dominantes de período sobre a Estética musical e sua relação com a Ética Ocidental, desde a Grécia até a contemporaneidade. Como resultado, demonstrou-se que desde tempo remotos a Estética musical e a Ética estão inter-relacionadas em diferentes contextos históricos, em conformidade com a filosofia dominante de cada período, evidenciando que a boa música e o bem viver estão atreladas às formas de poder vigente e corroboradas nas manifestações e validações musicais e comportamentais.

Palavras-chave: Música; Filosofia; Estética; Ética.

TEMPO, CRIAÇÃO E MÚSICA: REFLEXÕES SOBRE A CRIAÇÃO MUSICAL E AS TIPOLOGIAS DE PIERRE SOUVTCHINSKY

Wellington Jose Gonçalves

Doutorado - UNICAMP e USP

w295738@dac.unicamp.br

wellingtongoncalves@usp.br

UNICAMP e USP

RESUMO: Este trabalho constitui uma reflexão sobre a criação musical e as tipologias de *Pierre Souvtchinsky* (1892-1985). Em seu texto *“La Notion du temps et la musique: Réflexions sur la typologie de la création musicale”* (1939), Souvtchinsky explora a noção de *dom criativo* como fundamento da criação musical, com ênfase na experiência do *tempo musical*. Parte-se da concepção de que o talento não se configura como mera acumulação quantitativa de aptidões, mas como um sistema *multi-elemento* em que dons elementares se complementam em torno de um *“dom essencial”* singular. Esse princípio construtivo viabiliza uma tipologia dos processos criativos, na qual se examina o papel relativo de componentes como tema, técnica composicional e experiência interior, permitindo classificar estilos artísticos segundo a predominância de cada um destes componentes. Para Souvtchinsky, a dimensão temporal assume importância central no campo da música. Ele distingue as duas concepções de tempo, o primeiro o tempo psicológico (associado a sentimentos como angústia, dor ou contemplação), e o segundo, o tempo ontológico (o fluxo puro no qual a obra se realiza). A partir dessa dimensão temporal, Souvtchinsky identifica três vetores que definem o “tipo criador” de um compositor: 1) ***Tema da obra*** – expressa a tendência fundamental e específica de cada criador; 2) ***Técnica de composição*** – interdependente ao tema, moldando os meios formais; 3) ***Experiência musical pessoal*** – um complexo inato de intuições, no qual a sensação de tempo (*krhonos*) exerce papel diretivo. Dessa reflexão emergem duas categorias tipológicas opostas na relação com o tempo musical: ***Música cronométrica***: o material sonoro conduz o

fluxo temporal, mantendo ordem dinâmica, equilíbrio e desenvolvimento gradual, sem reflexos psicológicos intensos. Produz no ouvinte uma “calma dinâmica” e um alinhamento da percepção ao tempo ontológico do compositor; ***Música cronoAmétrica:*** opta por encurtar, alongar ou fragmentar o curso temporal normal, deslocando os centros de gravidade adiante ou atrás do “tempo real”. Enfatiza a carga psicológica e provoca instabilidade na recepção, rompendo a continuidade do “momento musical” puro. Souvtchinsky ilustra esses polos por meio de estudos de caso históricos, abordando compositores de diferentes períodos, como Wagner, Haydn, Mozart, Chopin, Debussy e Stravinsky. Tomando o texto de Souvtchinsky como ponto de partida, argumenta-se que é a sensação do tempo que determina o “tipo” e o estilo criativos na música. Segundo Souvtchinsky, apesar das diferentes linguagens e afetos manifestados historicamente, todas as tradições musicais ocidentais compartilham o desafio comum de traduzir o tempo ontológico em obras capazes de nos ligar ao ser em que vivemos. Portanto, este estudo propõe uma reflexão sobre as tipologias musicais alicerçada na primazia do tempo, deslocando o foco das categorias convencionais de gênero, estilo ou forma para a raiz ontológica da arte musical, e, a partir dessa, compreender como os processos criativos podem oferecer um novo arcabouço para classificar e interpretar as práticas musicais.

Palavras-chave: Souvtchinsky; Criação musical; Tempo; Música cronométrica e cronoamétrica.

Área temática:
O Belo, o Sublime e o Trágico



DA ILUSÃO DO CONTROLE A AFINIDADE ELETIVA: UMA PESQUISA DE CASO COMPARATIVO DAS OBRAS DE BAUDELAIRE E MONTAIGNE

Agnaeldo Áquila Viana dos Santos

Mestrando em Filosofia – UFMA
agnaeldo.aquila@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Franciele Monique Scopetec dos Santos

Doutora em Educação Escolar– UNESP
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: As obras de Michel de Montaigne e Charles Baudelaire carregam afinidades eletivas, embora sejam autores de época e estilos diferentes. Há uma proximidade entre suas obras, pois ambos exploram a ilusão do controle e a afinidade eletiva. Baudelaire, em sua obra “As Flores do Mal”, busca escapar da realidade, buscando beleza e prazer numa realidade não burguesa, enquanto Montaigne, em sua obra “Ensaaios”, explora a afinidade eletiva como uma forma de entender a condição humana, por meio da compreensão de si mesmo e do mundo. A natureza do trabalho será um estudo de caso comparativo, pois ambos os autores exploram temas relacionados à condição humana, como a solidão, a dor e a consciência do outro. Os principais objetivos serão enxergar o belo e o trágico nas obras dos dois e suas principais divergências. A metodologia será o estudo de caso comparativo, envolvendo a análise do corpus literários de Montaigne e Baudelaire, especificamente os ensaios “Da amizade” e “Da conversação” e os poemas “Albatroz” e “A uma passante”, onde ambos exploram a condição humana. Além disso, faremos duas abordagens metodológicas: uma crítica histórico-cultural, visto que ambos viveram em períodos históricos diferentes (século XVI ao XIX), e a segunda, a questão da visão da formação do homem. O resultado dessa análise é que ambos exploram a ilusão do controle e a afinidade eletiva de forma diferente: Baudelaire enxerga a beleza como forma de controlar a própria vida, enquanto Montaigne

concebe que não há controle, a vida não está enlaçada com o destino, mas pelo acaso. Diante disso, há convergências e divergências entre os dois. Ambos os autores dissecam a condição humana, destacando temas como a dor, a solidão e a busca por significado, e também compartilham um pessimismo sobre a vida. Assim, podemos concluir que a obra dos dois pode ser holística, visto que enxergam de maneira diferente o homem em sociedade.

Palavras-chave: Afinidade eletivas; A ilusão de controle; A condição humana; Busca de significado.

A RUÍNA COMO PENSAMENTO ALEGÓRICO NO DRAMA TRÁGICO

Allyson Jullian dos S. Nascimento

Mestre em Filosofia - UFPI e doutorando em Filosofia - UFOP
allyson.nascimento@aluno.ufop.edu.br
UFOP

Marcelo de Mello Rangel

Doutor em Filosofia - UFRJ, Pós-doutorado em
Literatura Comparada pela *Stanford University*,
mmellorangel@yahoo.com.br
UFOP

RESUMO: O presente trabalho visa demonstrar argumentativamente como Walter Benjamin ao dispor do tema da Ruína em seu *drama trágico alemão* no tópico *alegoria e drama trágico* formula uma magistral relação e sintonia entre a digressão do drama trágico e a possibilidade da ruína como um de seus condicionantes epistemológicos. Utiliza-se do tempo histórico, do progredir em relação ao declínio inevitável e da reversão programática da própria ideia de ruína para demandar dela uma construção que movimenta algo em torno do saber. Um ambiente filosófico capaz de analisar como esses conceitos se desdobram em uma epistemologia fundante e ganham nova vitalidade em Benjamin. O trágico em sua forma literária faz de refém o mundo exterior que reflete nele algo ligado àquilo que não é salvífico, mas que desperta curiosidades, consequentemente uma abertura ao desvelamento, a Ruína com quase mesmo sinônimo para como o fim prático de uma era organizada ou tempo histórico ao qual pertenceu. Ambos os conceitos são demonstrados e denotam singular atenção e análise.

Palavras-chave: Drama trágico; Ruína; Tempo histórico; Obra de arte redimida.

O TRÁGICO NA FILOSOFIA DE PLATÃO

Francisco Veriano Gomes de Oliveira

Mestrando em Filosofia - UFMA
veriano.francisco@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Danilo Pereira Farias

Mestrando em Filosofia - UFMA
danilo.farias@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Deysielle Costa das Chagas

Doutora em Filosofia – PUC/RIO
deysielle.chagas@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: O presente trabalho tem como foco a análise da noção de Trágico na filosofia de Platão, investigando suas implicações éticas, políticas e pedagógicas. Trata-se de uma pesquisa teórica baseada na análise dos diálogos *República* e *Fédon*, bem como na revisão de interpretações contemporâneas sobre a relação entre filosofia e tragédia na Antiguidade. O objetivo é compreender como Platão interpreta o elemento trágico e por que ele o rejeita no contexto da arte poética, ao mesmo tempo em que o incorpora em sua narrativa filosófica. A metodologia utilizada consiste em revisão bibliográfica e análise conceitual, com atenção às passagens em que a tragédia é criticada ou reformulada dentro do pensamento platônico. Como resultado, identifica-se que Platão, na *República*, considera a tragédia prejudicial à formação racional da alma, por provocar emoções intensas e irracionais, desviando o cidadão do autocontrole e da busca pela verdade. Nesse contexto, a censura da poesia trágica não é apenas estética, mas ético-política, voltada à formação do espírito voltado ao bem comum. Por outro lado, no *Fédon*, observa-se a presença de elementos trágicos na própria figura de Sócrates, cuja morte é apresentada com serenidade filosófica, convertendo o sofrimento em ocasião de elevação da alma. Con-

clui-se que Platão rejeita a tragédia como forma artística quando ela desvia a alma da razão, mas reconhece o trágico como experiência existencial possível e até necessária no caminho do filósofo. O estudo contribui para a compreensão do papel da emoção na educação filosófica e da tensão entre razão e *pathos* na tradição platônica.

Palavras-chave: Platão; Tragédia; Estética filosófica; Educação da Alma.

O BELO EM PLOTINO

Jean Carlos Silva Mesquita

Graduação - Universidade Federal do Maranhão
jean.csm@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Sidnei Francisco do Nascimento

Pós-doutorado - Università Católica Sacro Choro di Milano, UCSC, Itália
sidnei.fn@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: Plotino, filósofo neoplatônico, elabora sua teoria acerca do belo através da sua teoria da emanção do UNO. O trabalho tem como objetivo explicitar sua teoria da emanção e como ela se envolve com o belo, com ênfase nos conceitos de processão (descida hierárquica do Uno ao múltiplo) e conversão (retorno ascensional da alma). O objetivo é compreender a beleza entre a conversão da alma ao Uno. A beleza sensível é reflexo imperfeito da Beleza inteligível, que transcende a matéria. A arte revela a forma ideal pré-existente na mente do artista, não na matéria bruta. A purificação do intelecto, mediante ascensão filosófica, permite contemplar a Beleza absoluta, libertando-se das amarras do sensível. Plotino critica a redução estoica da beleza à matéria, destacando a superioridade da beleza moral e intelectual. A jornada estética inicia-se no encanto com o belo sensível (arte), e evolui para o amor ao inteligível e culmina na união ao Uno. Conclui-se que a filosofia plotiniana oferece uma estética metafísica, na qual a experiência do belo não se restringe ao deleite sensorial, mas é um exercício espiritual de retorno à unidade primordial. Desse modo a filosofia plotiniana destaca uma estética metafísica, na qual a experiência do belo não se restringe ao deleite sensorial, mas é um exercício espiritual de retorno à unidade primordial, uma atividade da alma. Desse modo o trabalho tem como objetivo explicitar o belo e sua relação com a teoria do filósofo neoplatônico.

Palavras-chave: Belo; Alma; Uno; neoplatonismo; arte; inteligível.

SCHELLING – A VINGANÇA DA TRAGÉDIA SOBRE A FILOSOFIA

Rodrigo Viana Passos

Doutor em Filosofia – PUC-Rio

rodrigo.vp@ufma.br

Universidade Federal do Maranhão – Campus Codó

RESUMO: O trabalho realizará uma exposição geral sobre o lugar da Tragédia na obra filosófica de Schelling, indicando uma possível “virada estética” da Filosofia idealista do referido autor a partir da leitura de *Sistema do Idealismo Transcendental*. Para tanto, parto de uma breve revisão bibliográfica sobre o tema como introdução a uma pesquisa teórica mais detida sobre a obra de Schelling. O objetivo geral é indicar o lugar privilegiado da arte trágica no sistema filosófico do filósofo alemão. Enquanto objetivos específicos, temos: 1) analisar o nascimento do conceito de “Trágico”; 2) compreender a ideia de “intuição estética” e sua função filosófica para o autor; 3) explicitar a relação entre Arte e Absoluto. A metodologia aplicada será a hermenêutica-explicativa de textos. Na apresentação do tema, seguirei as seguintes etapas: 1) exposição geral histórica da problemática relação entre Filosofia e Tragédia; 2) apresentação do sistema geral da filosofia de Schelling a partir da obra *Sistema do Idealismo Transcendental*; 3) localização da Tragédia nesse sistema; 4) introdução da ideia de Trágico e do conceito de intuição estética; 5) considerações sobre alguns desdobramentos e impactos dessas reflexões para a Filosofia. O estado presente da pesquisa tem como resultado uma melhor consideração sobre a importância da arte em geral e da Tragédia em particular para o pensamento de Schelling. Além disso, seguindo a interpretação de Szondi, compreende-se melhor a tese do nascimento da Filosofia do Trágico a partir da obra daquele autor. Ainda, percebe-se o impacto de tais reflexões para a Filosofia tanto naquele contexto, como também posteriormente, na medida em que é plenificada uma verdadeira “vingança” da Tragédia sobre a Filosofia.

Palavras-chave: Filosofia; Arte; Tragédia; Trágico.

Área temática:
O Estético e os possíveis vínculos
com outros campos do conhecimento



A LITERATURA COMO ESPAÇO DE RECONHECIMENTO: A ESTÉTICA DA ALTERIDADE EM PAUL RICOEUR

Álvaro Emannoel de Oliveira Costa e Freire

Graduando em Filosofia - UFMA
alvaro.emannoel@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Rita de Cássia Oliveira

Pós-doutorado em Filosofia e Teoria Literária - Universidade Federal do Piauí - UFPI
rc.oliveira@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: O presente trabalho propõe uma investigação de natureza teórico-bibliográfica sobre a literatura como espaço de reconhecimento do outro, com base na filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur, articulando os conceitos de identidade narrativa, alteridade e hospitalidade. O objetivo da pesquisa é examinar em que medida a leitura de narrativas ficcionais pode ser compreendida como experiência estética que implica uma ética da alteridade, contribuindo para a formação ética e subjetiva do leitor. A partir da noção de hospitalidade narrativa, desenvolvida a partir das obras *O si-mesmo* como um outro e *Tempo e Narrativa*, busca-se defender a tese de que o ato de ler constitui um espaço simbólico em que o sujeito é interpelado por outras vozes, modos de vida e perspectivas que desafiam sua autocentralidade, promovendo, assim, uma abertura ética diante da pluralidade humana. A metodologia adotada consiste na análise conceitual e hermenêutica das categorias ricoeurianas, associada à interlocução com Hans-Georg Gadamer, Emmanuel Levinas, que abordam, em diferentes registros, a relação entre experiência estética, alteridade e formação moral. O roteiro do trabalho contempla, inicialmente, uma exposição do problema da alteridade na filosofia contemporânea, seguida da apresentação do conceito de identidade narrativa em Ricoeur, da estrutura dialógica da leitura literária e, por fim, da concepção de hospitalidade narrativa como mediação ética entre o “eu” e o “outro”. Os resultados parciais indi-

cam que a literatura, ao permitir que o leitor se coloque no lugar do outro de modo simbólico e imaginativo, desempenha um papel significativo na formação ética do sujeito e na promoção de atitudes mais compreensivas e solidárias no campo da experiência intersubjetiva. Conclui-se, portanto, que a ficção literária não apenas representa o mundo, mas reconfigura a compreensão de “si” e do “outro”, sendo, nesse sentido, um dispositivo hermenêutico com implicações filosóficas e educativas profundas no que se refere à estética da alteridade e à constituição ética da subjetividade.

Palavras-chave: Hermenêutica; Filosofia; Literatura; Estética.

CONSIDERAÇÕES SOBRE TRADUÇÃO, POESIA, PERFORMANCE E A FRONTEIRA DAS ARTES

Fernanda Goya Setubal

Mestranda em Estudos da Tradução - UFSC
goya.fernanda.s@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Anderson Bogéa

Doutor em Filosofia - UFPR
andersonbogea@gmail.com
Universidade Estadual do Paraná

RESUMO: Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o trabalho tradutório como um fazer criativo, de modo a suavizar a fronteira entre arte e tradução. Para tanto, parte-se de dois poemas de Haroldo de Campos: A transcrição “Na montanha” e o poema autoral “Klimt: Tentativa de pintura (com modelo ausente)”. Além disso, são levados em consideração alguns ensaios deste poeta-tradutor, nos quais o autor explicita os caminhos de suas decisões tradutórias, destacando os aspectos artísticos de tal processo. As percepções de Campos vão ao encontro do que é apontado por Erika Fischer-Lichte ao tratar da *virada performativa nas artes*, que ela observa na Europa dos anos 1960. Por meio desta pesquisa teórica pretende-se explicitar as convergências entre Haroldo de Campos e Erika Fischer-Lichte, que destacam a aproximação entre as diferentes formas artísticas. Nesta esteira, o corpo emerge como um assunto comum entre eles, visto que a relação entre corpo e proposição artística é colocada em movimento, tanto na poesia concreta, quanto na performance-arte.

Palavras-chave: Tradução; Performance; Transcrição; Arte.

O (IN)VISÍVEL NAS PAREDES: UMA LEITURA ESTÉTICA SOBRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO DO FILME *AINDA ESTOU AQUI*, DE WALTER SALLES

Flaviano Menezes da Costa

Doutorando em Cultura e Sociedade - UFMA

flavianomenezes@gmail.com

Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: Em 2024, um novo ciclo, do que constantemente denomina-se “retomada do cinema brasileiro”, teve início após o término de um fatídico governo anticultural, que extinguiu o Ministério da Cultura (Minc), em 2019, transformando-o em uma Secretaria Especial dentro do Ministério da Cidadania. Premiado como melhor roteiro no Festival de Veneza (2024), para Murilo Hauser e Heitor Lorega, e vencedor do Globo de Ouro de melhor atriz de filme dramático, para Fernanda Torres, o filme *Aqui estou aqui* (2024), dirigido por Walter Salles e baseado na obra homônima de Marcelo Rubens Paiva, não só levou milhares de brasileiros para o cinema, mas conseguiu transformar este público em uma “torcida organizada” quando anunciado, no ano seguinte, que a obra seria finalista nas categorias de Melhor filme, Melhor atriz e Melhor filme internacional na premiação da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas (Oscar), vencendo esta última. A marca de 5,7 milhões de espectadores tornou-se mais surpreendente por se tratar de um drama com temáticas emocionalmente intensas, contudo apresentadas através de uma abordagem sensível e introspectiva, retratando os efeitos da ditadura militar sobre uma família de classe média-alta no ano de 1971, quando o pai (o engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva) é sequestrado, torturado e morto por militares, e a busca da esposa (Eunice Paiva) por informações sobre a localização do corpo de seu cônjuge. Nesta transição narrativa entre os momentos felizes com os amigos, a subsequente busca pelo paradeiro dos ex-deputados e a decisão da esposa em deixar a capital do Rio de Janeiro com seus filhos, encontra-se uma curta, mas emblemática, cena na qual a casa é apresentada desprovida de seus artefatos mobiliários, vazia de adornos, mas cheia de

memórias. Uma metáfora visual, a partir do olhar apurado do diretor de fotografia Adrian Teijido, sobre o espaço doméstico e a partir de um plano de imagens na qual percebe-se singelas marcas menos escurecidas nas paredes, deixadas pelos móveis que ali estavam dispostos. A partir da análise teórica desta cena, a presente comunicação tem como objetivo realizar uma leitura estética da obra fílmica ao questionar como a sequência em questão sinaliza tanto às lembranças dos momentos de intimidade familiar, quanto à força do período ditatorial. Concomitante, a pesquisa será também de revisão bibliográfica, na qual destacam-se as obras: *Estética: fundamentos e questões de filosofia da arte* (2008), de Peter Kivy (org.); *A memória, a história, o esquecimento* (2014) de Paul Ricoeur; *Na estrada: o cinema de Walter Salles* (2010), de Marcos Strecker; e *Fundamentos de produção cinematográfica* (2013), de Jane Barnwell; trazendo, respectivamente, discussões sobre a base imaginativa de quem assiste ao filme, os elementos da fenomenologia da memória, a técnica cinematográfica do diretor e as práticas colaborativas nas produções da sétima arte. O que torna a pesquisa interdisciplinar e esta comunicação os primeiros resultados de um projeto de artigo que traz em seu núcleo o diálogo entre a arte, a filosofia e o tema “memória”.

Palavras-chave: Cinema; Estética; *Ainda estou aqui*; Memória.

O USO DO *MINDFULNESS* NA ANIMAÇÃO “*THE MIDNIGHT GOSPEL*” SOB A LUZ DA ESTÉTICA NIETZSCHIANA

Milena Carolina Cantanhede Silva

Graduanda em Filosofia - UFMA
milena.carolina@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Danielton Campos Melonio

Doutor em Filosofia - UERJ
danielton.melonio@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: O seguinte artigo explora a influência da estética nietzschiana na animação “The Midnight Gospel” e examina sua interseção com o conceito de *mindfulness*, uma prática derivada da meditação budista. “*The Midnight Gospel*”, criada em 2020 por Pendleton Ward e coproduzida pelo ator e filósofo Duncan Trussell, utiliza dois conceitos centrais da estética de Friedrich Nietzsche, a saber, apolíneo e dionísico, desenvolvidos na obra “O Nascimento da Tragédia” de 1872. Por meio de pesquisa teórico-bibliográfica, inicialmente descreve-se a atividade meditativa em sua finalidade espiritual, para em seguida caracterizar os conceitos “apolíneo” e “dionísico”. Estes, enquanto ordem e caos, constituem a dialética existencial humana e são apresentados na série por elementos como cores vibrantes, personificações de sentimentos e realidades paralelas. Em suma, a partir de uma análise de “*The Midnight Gospel*”, o artigo revela como a prática de *mindfulness* – atenção plena e aceitação do momento presente – promove a compreensão de dilemas existenciais quando interpretados à luz da filosofia nietzschiana.

Palavras-chave: *Mindfulness*, *The Midnight Gospel*, Friedrich Nietzsche, Estética.

ARTE, SENSÇÃO E CONCEITO: POR UMA ESTÉTICA FILOSÓFICA EM GILLES DELEUZE

Pedro Estevam Gemaque Chacon

Mestrando - Universidade Federal do Maranhão
pedro.egc@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Wandeilson Silva de Miranda

Doutor - Universidade Federal do Rio de Janeiro
wandeilson.miranda@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: Para Deleuze, a arte não se reduz à mera representação, mas opera por processos de produção autônoma de sensações e pensamentos, ultrapassando redes de significado convencionais, suscetíveis à subjetividade do espectador e do artista. Com base nisso, este trabalho visa atender uma dupla finalidade: (1) examinar a relação entre arte e pensamento na filosofia de Gilles Deleuze; (2) investigar as bases para uma estética filosófica de inspiração deleuziana. A pesquisa adota a seguinte metodologia: (i) Análise conceitual das obras *Diferença e Repetição* (1968), *Francis Bacon: Lógica da Sensação* (1981) e *O que é a Filosofia?* (1991), explorando a concepção deleuziana de estética, arte e pensamento; (ii) Diálogo crítico com o ensaio “*Existe-t-il une esthétique deleuzienne?*” de Jacques Rancière, confrontando a tese de uma suposta incompatibilidade entre a filosofia deleuziana e a estética filosófica; (iii) Estudos de caso das pinturas de Bacon, demonstrando a aplicabilidade dos conceitos de diagrama e bloco-de-sensações. Os resultados apontam não apenas a possibilidade de uma estética deleuziana, mas também algumas de suas características: (a) ruptura com a teoria do Belo, ao substituir a imitação e a representação pela produção de realidades sensíveis; (b) distanciamento de algumas abordagens hermenêuticas, ao recusar a arte como objeto passivo de interpretação de significados subjacentes, propondo-a como ato de pensamento em si mesmo; (c) valorização de sua natureza ontológica, como fica evidente mediante as tensões críticas com Rancière. Para Deleuze, a arte participa do próprio

movimento do pensamento filosófico, como intercessora e colaboradora criativa na produção de conceitos. Isso significa reconhecer seu potencial transformador e subversivo, desafiando estruturas estabelecidas e produzindo novas possibilidades ao existente. Portanto, pensar uma estética deleuziana significa problematizar a relação entre arte e representação, em favor de uma abertura a processos contínuos de criação e experimentação, o que se evidencia no estudo dos conceitos-chave de diagrama e bloco-de-sensações. Assim, a pesquisa contribui para uma compreensão mais ampla da arte como forma de conhecimento e potência filosófica, capaz de reconfigurar os modos de sentir, perceber e pensar o mundo.

Palavras-chave: Deleuze; Rancière; Estética; Diagrama; Bloco de Sensações.

ARTE CONTEMPORÂNEA E TENSIONAMENTOS SOCIAIS: *THE WINDOW*, DE BÜLENT ŞANGAR

Rosana Steinke

Historiadora, Mestre em Arquitetura e Urbanismo - USP
Doutoranda em Sociedade, Política e Cultura no Mundo Contemporâneo - UFSC
rosoerensensteinke@gmail.com
PPGH-UFSC

RESUMO: O presente texto faz um estudo de caso analisando a obra *The Window* (1997), do artista turco Bülent Şangar, em diálogo com o conjunto de sua produção e com referenciais teóricos da história da arte contemporânea, como Georges Didi-Huberman, Aby Warburg, Hal Foster e Amelia Jones. Por meio da repetição do corpo e da encenação fotográfica, a obra mobiliza uma crítica ao sujeito contemporâneo, às instituições e à experiência urbana. Mais do que representar, Şangar performa o mal-estar moderno por meio da imagem e da montagem simbólica, tensionando os limites entre arte, política e sobrevivência. Nos anos 1990 e 2000, a Turquia enfrentou crises econômicas, aumento do desemprego, militarização e vigilância sobre a vida pública, muitos de tais aspectos presentes ainda hoje no país. A arte contemporânea turca, nesse período, consolidou-se como espaço de crítica e elaboração simbólica dessas tensões. A trajetória de Bülent Şangar, afirmada a partir dos anos 1990, se desenvolve em meio a um cenário de intensas transformações políticas, sociais e culturais na Turquia. Sua obra emerge num contexto marcado por reformas neoliberais, instabilidade institucional e repressão política, especialmente após o golpe militar de 1980. A partir da articulação entre obra e trajetória, analisa-se as estratégias visuais de Şangar como formas de resistência simbólica e sobrevivência em um contexto marcado por controle e vigilância. Busca-se, ainda, situar o artista no panorama da arte contemporânea e refletir sobre a imagem como espaço de expressão e elaboração histórica.

Palavras-chave: Bülent Şangar; arte contemporânea; performance; fotografia; crítica institucional.

ARTE POÉTICA NO *POEMA SUJO* DE FERREIRA GULLAR: EXERCÍCIO A PARTIR DA ESTÉTICA DE HEGEL

Samarone Carvalho Marinho

Doutorado em Filosofia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

samarone.marinho@ufma.br

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: O ensaio apresenta um exercício sobre arte poética no *Poema sujo* de Ferreira Gullar à luz da estética de Hegel. Trata-se de uma pesquisa teórica que apresenta esboço do percurso hegeliano no tocante ao conceito de “universal concreto” (apresentado na *Fenomenologia do espírito*) e ao conceito de “ideal de beleza” (presente nos *Cursos de Estética*). Ambos os conceitos mediados no texto pelo “tempo poético” deduzido por Márcia Gonçalves a partir da obra de Hegel, e assumido, tal conceito, como figuração de um concreto que vai além do estritamente sensível. O livro *Poema sujo*, é expressão metafórica dessas ideias. Com o percurso hegeliano imantado em fragmentos do livro, o ensaio permite apresentar a decifração dessa arte poética via uma expressão particular da linguagem: a própria forma de representação da arte em sua função poética. Em um primeiro momento é introduzida a autodeclarada metáfora hegeliana de “universal concreto” presente nos versos finais do livro de Gullar. Onde os versos finais dessa obra, remetem à multiplicidade de vozes (discursividades) assumidas pelo poeta num *tempo outro* (uma temporalidade situada em meados de 1970, Gullar em exílio, em Buenos Aires) que lhe permite “revisitar”, na forma poetante, *outro tempo* (uma temporalidade situada em meados de 1940, Gullar lembrando São Luís do Maranhão). Num segundo momento apresenta-se a questão da arte poética inferida do “tempo poético” no percurso do poema. Em que, a partir da leitura da obra gullariana, o “universal concreto” é apresentado como idealidade *sensibilizada*, colocando em suspensão o movimento costumeiro que predomina na vida. Num terceiro momento aprofunda-se, com exemplos à poética gullariana, a autodeclarada metáfora hegeliana do “univer-

sal concreto” presente no livro. Quando se explora a partir daí o enlace da realização concreta de uma subjetividade que é permeada pelo fazer poético, demonstrando o liame tênue entre o ir e o vir da arte e da vida. Ou seja, o poeta é tomado como sujeito real-existente (Ferreira Gullar, p. ex.), sujeito produtor de poesia – e não somente indivíduo formal –, concedendo à voz lírica sua inventividade (o poeta concede à voz lírica, sua inventividade e ficcionalidade). A síntese final elaborada no ensaio, pelas mediações feitas, quer dar a ver que a linguagem poética se converte em momento de objetivação das forças criativas humanas em que, dentro da poética gullariana, a forma artística desenvolve um papel de efetividade do Humano no homem.

Palavras-chave: Universal concreto; Ideal de Beleza; Tempo poético; Ferreira Gullar-*Poema sujo*.

A RELAÇÃO DO PENSAMENTO ESTÉTICO E POLÍTICO EM KANT, SEGUNDO HANNAH ARENDT

Taila de Abreu Ribeiro

Mestranda – Universidade Federal do Pará - UFPA
taila.ribeiro@ifch.ufpa.br
Universidade Federal do Pará - UFPA

Pedro Paulo da Costa Corôa

Doutor – Universidade Federal do Pará
pcoroea@ufpa.br
Universidade Federal do Pará - UFPA

RESUMO: O objetivo principal desta exposição é abordar um tema que é considerado originário à filosofia, tanto é que sempre se manteve durante toda a história filosófica: a relação íntima existente entre estética e política. Se quiser uma comprovação da perenidade e familiaridade dessas duas dimensões da reflexão filosófica, basta analisar o modo como elas se desenvolvem na modernidade e no pensamento contemporâneo. Um exemplo que salta aos olhos é a obra de Hannah Arendt chamada *Lições sobre a filosofia política de Kant*, que resulta de algumas aulas ministradas em vista da identificação de um viés político do pensamento kantiano. As *Lições* de Arendt provocam uma certa surpresa ao mesclar, ao tratar um tema particular geralmente abordado em separado, dois domínios filosóficos que, desde Aristóteles, supõem, cada um, uma virtude particular da alma e, por isso, só deveriam ser investigados e apresentados separadamente. Admitindo-se que pelo menos até o fim do século XVIII a classificação das ciências filosóficas é mantida tal como foi concebida desde Aristóteles, sendo uma teórica, outra prática e, enfim, produtiva ou poética, então pode-se entender as razões de Kant escrever cada uma de suas críticas voltadas exatamente para esses domínios específicos. Além disso, como reitera Aristóteles ao reconhecer uma certa identidade entre ética e estética, trata-se de uma relação impossível de reproduzir entre elas dentro da filosofia teórica. E quando Arendt tenta pensar a política em Kant, apesar de separar – como fez Maquiavel – a ética da política, termina por aproximar

o domínio da ação (que para Aristóteles é tanto moral quanto político) do estético, vinculando a condição subjetiva dos nossos pensamentos (como diria Kant) e o bem comum, ao interesse público. Considerando que não há em Kant uma filosofia política em sentido estrito, Arendt percebe em sua teoria do juízo estético um grau tal de liberdade e independência do pensamento que, para ela, a *Crítica da faculdade de julgar* seria potencialmente a referência entre as obras kantianas para uma inserção na política. Logo, para a autora de *A condição humana* é pela estética que se pode desvendar a real autonomia ou a autarquia que se identifica como ideal da política desde os gregos. Sendo assim, a partir de uma pesquisa bibliográfica baseada nas obras citadas acima, essa investigação compreende como Arendt demonstra o que se costuma chamar de “estetização da política”, o que, no caso dela, se deve às teses políticas em que a diversidade das opiniões é tida como condição da política autêntica, capaz de salvar o homem do totalitarismo. Por isso, a substituição da objetividade coercitiva da lei estatal pela intersubjetividade do *sensus communis* que está na base do juízo estético da terceira crítica, parece fazer todo sentido para Hannah, que quer afastar as condições políticas do imperativo moral da razão prática.

Palavras-chave: Estética; Política; Arendt; Kant.

A ESTRUTURA HERMENÊUTICA DA RACIONALIDADE: O PAPEL DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

João Caetano Linhares

Doutor em Filosofia – UFSM

joao.caetano@ufma.br

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: O presente artigo busca evidenciar o papel que a experiência da arte desempenha para a autocompreensão da experiência hermenêutica e, com isso, qual o lugar de tal experiência na estrutura da racionalidade compreendida hermeneuticamente. Tal tarefa se justifica devido a importância que a hermenêutica gadameriana tem na compreensão da racionalidade. Esta compreensão implica numa série de resultados para as ciências humanas como disciplinas hermenêuticas que estão unificadas num campo do conhecimento que tem por elemento o “humano” e isto implica numa série de características que as distanciam dos critérios de verdade e racionalidade das ciências naturais. A busca pelos critérios de verdade e racionalidade das ciências humanas, ou seja, dos critérios de racionalidade de tais ciências está ligada diretamente a como se dá a experiência hermenêutica e, por conseguinte, a experiência estética. Por este motivo, para compreendermos como se dá a racionalidade como estruturada hermeneuticamente é necessário compreendermos o papel da experiência estética. Para isso, abordaremos a primeira parte de *Verdade e método* de Hans-Georg Gadamer.

Palavras-chave: Racionalidade; Hermenêutica; Experiência Estética.

NIETZSCHE, WAGNER E A ARTE DECADENTE

Wolfgang Theis

Doutorando em Filosofia – PPGFIL/UnB

wolfgang.theis1973@gmail.com

Universidade de Brasília - UnB

RESUMO: Este trabalho aborda a interpretação de Nietzsche e a recepção de Wagner em Viena por volta de 1900 a partir de uma perspectiva estética. Diferentemente da visão clássica da pesquisa nietzschiana, uma concepção alternativa de Nietzsche foi difundida em Viena nesse período. A decadência e a doença deixaram de ser vistas como elementos negativos, passando a ser interpretadas como oportunidades para a criação de algo novo e moderno. O conceito de *Gesamtkunstwerk* (obra de arte total), de Richard Wagner, exerceu grande influência nesse contexto estilístico, pois a arte era produzida por si mesma, enquanto os artistas buscavam romper com a era romântica anterior. A arte deveria ser pura e refletir-se em todas as suas formas. O conceito de *Gesamtkunstwerk* — a unificação igualitária de todas as artes em uma obra única e completa, como ocorria na tragédia grega, segundo Nietzsche e Wagner, foi de importância central nesse período. Contudo, não se pode negligenciar a crítica de Friedrich Nietzsche ao romantismo, que ele considera afetado por um empobrecimento vital. Para ele, o romantismo é uma enfermidade que provoca uma crise profunda, alimentada pela constante expectativa de redenção — uma promessa que nunca se concretiza — levando ao desespero e ao colapso existencial. A superação dessa crise, segundo o filósofo, abriria caminho para um futuro dionísaco, interpretado como a era moderna que substituiria o Romantismo. Foi justamente essa tensão entre a espera e a superação da crise que preparou o terreno para o Modernismo vienense, que rompeu com o caráter ornamental tradicional do Romantismo e favoreceu um design claro e direto e uma linguagem formal. Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica que se apoia majoritariamente em textos em língua alemã, anteriormente inacessíveis no Brasil devido à barreira do idioma. O objetivo deste estudo é demonstrar que uma recepção distinta da relação Nietzsche - Wagner em Viena, por volta de 1900 — uma recepção que não

atribuía uma conotação negativa aos conceitos de doença e decadência de Nietzsche, condicionou um período artístico frutífero. Este projeto de pesquisa, ainda em andamento, revela que a investigação contemporânea sobre Nietzsche permanece excessivamente atrelada ao paradigma do conceito negativo de doença e tem, até o momento, negligenciado amplamente o impacto positivo no Modernismo vienense.

Palavras-chave: Decadência; Modernismo de Viena; Nietzsche; Wagner; crítica de Romantismo.

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA ESVAZIADA

David Alla Mota Serra

Mestrando - Universidade Federal do Maranhão

david.alla@discente.ufma.br

Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: O homem depara-se diante do grande crepúsculo da arte, quando esta é obrigada a enfrentar o seu fim. Quando a arte abandonou a avaliação do artista e passou a ser sinônimo de “bom gosto”; o belo passou a ser o olhar desinteressado do admirador que nada pode partilhar da criação artística, que aliás esta recompõe ao parâmetro do bom gosto universalidade e impessoalidade; a progressiva redução da *poiesis* à práxis. Essas são algumas questões suscitadas por Giorgio Agamben na obra O homem sem conteúdo, em que o autor busca analisar o estado do homem em relação a arte justamente em sua era estética, ou seja, pós-kantiana, a partir da crítica nietzschiana a definição kantiana do bom gosto e que serão tomadas como conteúdo desta pesquisa. A *poiesis*, a produção na presença, ou seja, na pura manifestação do homem, que traz do não-ser ao ser às coisas, para Agamben é, na acepção dos gregos, o desvelar da verdade principalmente na arte, ao passo que a práxis corresponde à produção da nua existência biológica, ou seja, instrumental. Em resumo, o estado em que a arte se encontra na modernidade, afastada da forma da *poiesis* e cada vez mais reduzida à práxis revela um homem capaz de fruir pela arte, dotado de certa sensibilidade, mas incapaz de produzi-la. Os objetivos desta pesquisa são avaliar em que situação se encontra esse homem de pouca criatividade através da pesquisa bibliográfica da obra de Agamben. Os resultados disto são a revelação da imediata ligação do homem com o passado, um futuro incerto, e a situação no presente. Os objetivos desta pesquisa são avaliar em que situação se encontra esse homem de pouca criatividade através da pesquisa bibliográfica da obra de Agamben. Os resultados disto são a revelação da imediata ligação do homem com o passado, um futuro incerto, e a situação no presente.

Palavras-chave: gosto; práxis; *poiesis*; Agamben.

A MEDIAÇÃO SENSÍVEL ENTRE A ARTE E O ESPECTADOR

Fabiane Camelo Viana

Graduanda em Filosofia - Universidade Federal do Maranhão - UFMA
fabiane.camelo@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Larissa Falcão Castro Reis

Graduanda em Filosofia - Universidade Federal do Maranhão - UFMA
larissa.falcao@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Plinio Santos Fontenelle

Doutor em Filosofia - USP
fontenelle.plinio@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: O presente artigo intitulado “A mediação sensível entre a Arte e o Espectador”, busca demonstrar como a relação entre a arte e o público se desenvolve através da análise da obra “O Olho e o Espírito” do autor e filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, abordando a percepção e a natureza como forças que possuem uma relação e que estão apresentadas ao público e interagem com ele, promovendo uma nova idealização da arte, não somente a de representar um sentido, mas que consegue preservar o seu conceito, aproximando artista e público a um novo patamar. Tal ideia busca entender como o artista deseja se comunicar e como a realidade presente é disposta na obra, provocando não só uma interação instantânea entre ele e o público, mas que é capaz de não ser modificada, proporcionando ramificações que são utilizadas para despertar a curiosidade e o incentivo a ir além do visível e estar em contato com o considerado sensível. Merleau-Ponty defende em seu inscrito o uso da pintura como aquela que está mais próxima deste ideal de sensível, pois no visual, existe uma conexão que impulsiona o julgar e o questionar que não se sustenta somente pelo empírico do tocar, mas por refletir tal forma de retratar o

que foge do personificado e modificado, sendo aquilo que está no espaço e está além de uma só conjuntura ou ponto de vista, despertando o interesse. Este artigo busca abordar tal associação e como sua influência vai resultar uma nova leitura filosófica que foge do técnico, se relaciona com os sentidos e propõe do sensorial sua interlocução com o externo e da arte se manifesta, criando essa relação do intelectual com o artístico. A metodologia adotada para este estudo consiste na leitura crítica da obra “O Olho e o Espírito”, utilizando uma abordagem qualitativa de cunho interpretativo regido pela análise fenomenológica e estética da percepção. Também a análise de obras pictóricas de Paul Cézanne, que exemplificam a experiência sensível descrita por Merleau-Ponty e se relacionam entre si. Dividido em três etapas, o roteiro da pesquisa apresenta a seguinte ordem: (1) a contextualização teórica da fenomenologia da percepção por Merleau-Ponty; (2) identificação dos elementos sensíveis da crítica à visão mecanicista da percepção na obra do autor; e (3) a articulação entre tais elementos e o processo de relação entre obra, artista e espectador. A partir das análises, foi certificado que é a partir do olhar do artista que o invisível é capturado, sendo sua criação fruto da própria experiência e manifestação perceptiva. O espectador ao deparar-se com a obra, é incentivado a reconstituir o mesmo gesto do artista, porém, trazendo seus próprios sentidos para além da racionalidade técnica. Por isso, a obra de arte simboliza a janela para o mundo da percepção, mas influenciada pelos limites da sua própria existência única: a experiência individual. Assim, conclui-se que Ponty entende a mediação sensível entre a arte e o espectador como via de acesso à essência do fenômeno artístico que não se restringe à técnica.

Palavras-chave: Mediação sensível; Arte; Espectador; Merleau-Ponty.

A FILOSOFIA EM PINTURA: CÉZANNE E A EXPERIÊNCIA PERCEPTIVA À LUZ DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY

Larissa Falcão Castro Reis

Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão
larissa.falcao@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Plínio Santos Fontenelle

Doutor em Filosofia - USP-SP
fontenelle.plinio@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: Este artigo tem como ponto de partida a relação entre arte, percepção e pensamento filosófico, especialmente no modo como a percepção sensível influencia o processo de criação artística, que busca compreender como a pintura de Paul Cézanne pode ser interpretada à luz da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. O presente estudo trata-se de uma análise bibliográfica fundamentada na leitura e interpretação de dois textos, cujo objetivo é investigar o fazer artístico como um modo de percepção em ato e filosofia encarnada, a partir da relação entre as obras do pintor francês e os escritos do filósofo. O primeiro texto intitulado “A dúvida de Cézanne”, autoria de Maurice Merleau-Ponty, discute a dificuldade enfrentada pelo pintor em representar o que vê sem depender de modelos prontos ou ideias prévias, enfatizando o desafio de traduzir a experiência perceptiva diretamente na linguagem da pintura. O segundo texto nomeado “Da natureza viva à pintura bruta: Cézanne e Merleau-Ponty”, escrito por Bruno Oliveira de Andrade, destaca como a obra de arte se configura como expressão sensível de um pensamento fenomenológico. A metodologia utilizada consiste na leitura conceitual e interpretativa dos textos mencionados, com base em noções-chave da fenomenologia, como a percepção, também a relação entre arte e filosofia e o papel da experiência sensível na criação artística como forma de dar solidez às sensações. O roteiro do trabalho foi estruturado da seguinte forma: (1) problematiza-

ção da dúvida de Cézanne em seu processo criativo, visto que, o que era entendido como empecilho pelo pintor, Ponty justificava como o motor para sua criação artística; (2) interpretação fenomenológica dessa questão segundo Merleau-Ponty; e (3) relação entre pintura e pensamento filosófico, entendendo a obra de arte como expressão encarnada da experiência perceptiva. Os resultados obtidos evidenciam que a dúvida de Cézanne — sua recusa em depender de modelos prontos ou ideias prévias — é uma forma de se abrir para o real, iniciar o ato da experiência perceptiva em seu acontecer e não apenas como uma mera imitação do que se vê. Nesse sentido, a pintura é uma forma de pensamento sensível que se realiza no próprio ato de ver e fazer. Dessa forma, conclui-se que Merleau-Ponty convida a refletir sobre os limites entre ver, pensar e sentir. A pintura de Cézanne é o ponto de partida para a reflexão da experiência filosófica encarnada e a exigência perceptiva, além de compreender que para recriar o real, a percepção nunca é concluída.

Palavras-chave: Cézanne; Merleau-Ponty; Percepção; Arte e filosofia.

A ESTÉTICA DE SCHILLER PARA O POSSÍVEL ESTUDO DO CINEMA MUNDIAL

Ney Alves de Arruda

Docente do Curso de Cinema e Audiovisual - UFMT

neyarruda@gmail.com

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT

RESUMO: Esta proposta se origina de projeto de pesquisa regularmente cadastrado na PROPesq Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMT sob o n.º 142/2024-2025, onde se aborda a temática geral: “Filosofia, Sociedade e Cultura”. Quando os escritos estéticos de vários filósofos tem sido objeto de estudo, reflexão e relato. Sendo então, o ponto de partida desta presente atividade, um específico recorte sobre a “Vigésima Segunda Carta” de Friederich Schiller do trabalho de 1794 acerca da “Educação Estética do Homem”. E sua possível clivagem com aspectos da arte cinematográfica procurando extrair compreensões aproximativas da ideia contida no bem-vindo eixo: o Gênio, a Arte, o Artista. Trata-se de uma experiência estética que se materializa na forma de estudo de caso em que há uma aproximação do pensamento de Schiller para meditar sobre a figura do diretor inglês Alfred Hitchcock e sua ímpar produção fílmica. Objetiva-se nesta alvitrada: 1) Testar elementos de atualidade do pensamento filosófico de Schiller no presente quadrante do século XXI; 2) Examinar possíveis fatores de aplicabilidade da 22ª Carta “schilleriana” à interpretação de uma arte da modernidade encartada no cinema mundial; 3) Analisar se a personalidade criativa de um diretor fílmico anglo-saxão como o escolhido, se ajusta à imagem sugerida do artista-gênio, ou não. Faz parte da metodologia e roteiro desse projeto de pesquisa supramencionado, a leitura detalhada de filósofos como Hegel, Aristóteles, Adorno, Platão, Freud, Rodrigo Duarte, entre outros. Momento em que se tem selecionado clássicos textos desses autores para diligente estudo dialógico de natureza dialética verificando cotas de procedentes intervenções hermenêuticas estruturadas em artigos, resumos expandidos e comunicações colimando publicação em eventos científicos sobre as artes como a fotografia, o

drama teatrológico, o cinema, o documentário, a música em nossa atual Pós-Modernidade. Tendo em vista palpáveis resultantes obtidas se observa que Schiller centra seu pensar nessa referida carta no “estado estético da mente” como o mais fértil de elevada realidade, onde o exercício estético é uma habilidade particular. Schiller fala sobre a arte que lisonjeia os sentidos, que promove a fruição da beleza autêntica detectado pela intuição, buscando os modos de sensação diante da obra. Schiller parecia esperar uma nova arte que unisse a bela poesia (como roteiro), o belo edifício (como cenários) e a bela música (como trilha). Nisso, verifica-se a obra cinematográfica multiforme de Hitchcock em seus suspenses psicológicos como os filmes: “Um corpo que cai” (1958), “Psicose” (1960), “Frenesi” (1972). Seus dramas sociais como: “Janela indiscreta” (1954), “Marnie, confissões de uma ladra” (1964). Ou mistério e suspense como: “Intriga internacional” (1959) e “Os pássaros” (1963). Assim, conclui-se preliminarmente acerca da atualidade da filosofia estética de Schiller como ferramenta interpretativa do cinema, em especial aqui, do gênio de Hitchcock. Com Schiller considera-se o estilo perfeito do cineasta anglo-saxão, seus méritos específicos, seu círculo mágico de artista com temas imponentes que se impõem e o fruidor (expectador) se identifica, dado seu cinema de caráter universal mediante bom manejo da matéria necessária para a obra de arte. Findando constatar que em nossos dias, o esteta Schiller vive!

Palavras-chave: Filosofia; Estética; Arte; Cinema.

Realizado o Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme
a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TÍTULO	Caderno de resumos. I Simpósio de Estética e Filosofia da Arte – SEFILOARTE: Diálogos entre beleza, gosto, arte e educação
ORGANIZADORES	Danielton Campos Melonio Nertan Dias Silva Maia
PROJETO GRÁFICO E CAPA	Nertan Dias Silva Maia
PÁGINAS	138
TIPOGRAFIA	Adobe Garamond Pro CORPO Bree Serif TÍTULOS



ISBN: 978-65-5363-517-3



9 786553 635173